



Ensaaios  
sobre  
O Livro  
dos  
Espíritos

3

Claudio C. Conti

# Ensaaios sobre O Livro dos Espíritos

Terceiro triênio  
Questões 456 à 651

COLETÂNEA DE ARTIGOS PUBLICADOS NO  
JORNAL CORREIO ESPÍRITA  
Dez/2019 à Nov/2022

Claudio C. Conti

# Índice

Faculdade Espíritos Penetrar Nossos Pensamentos ---5	5
Influência dos Espíritos em Nossos Pensamentos-----9	9
Possessão-----13	13
Afeição de Desencarnados por Encarnados -----17	17
Espíritos Protetores -----21	21
Pressentimento -----25	25
Os Espíritos nos Eventos da Vida-----29	29
Ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza-----33	33
Os Espíritos Durante os Combates-----37	37
Pactos entre Espíritos -----41	41
Poder Oculto, Talismãs e Feiticeiros -----45	45
Bênçãos e Maldições-----49	49
Missão dos Espíritos-----53	53
Ocupação dos Espíritos -----57	57
Atribuição dos Espíritos-----61	61
Missão dos Espíritos-----65	65
Seres Animados e Inanimados-----69	69
Os Minerais e as Plantas-----73	73
Os Animais e os Humanos-----77	77
Os Animais -----81	81
O Sofrimento nos Animais-----85	85
Origem do Sofrimento - Parte I -----89	89
Origem do Sofrimento - Parte II-----93	93
Leis de Deus - Eternas e Imutáveis-----98	98
Processos para Compreensão das Leis de Deus ----102	102
Relação Entre Espíritos e Leis de Deus -----106	106

Os Modernos Profetas-----	110
Jesus: Guia e Modelo-----	115
Jesus e o Espiritismo -----	119
Bem e Mal -----	124
Necessidade do Mal -----	128
A Prática do Mal-----	132
Entendendo a Lei Natural-----	136
Adorar a Deus -----	140

Dezembro de 2019

## **Faculdade Espíritos Penetrar Nossos Pensamentos**

O termo “pensamento” é empregado de forma geral para indicar tudo que ocorre na mente. Contudo, em decorrência da complexidade envolvida, isto é uma simplificação que dificulta o entendimento de várias questões.

Certamente ainda estamos muito longe de compreender, ou mesmo de identificar, tudo o que envolve a mente, porém, pouco a pouco, com o auxílio desta doutrina que tanto esclarece, podemos ir galgando os diversos patamares, um de cada vez, até alcançarmos o conhecimento pleno.

Um dos itens abordados no Cap. IX da Segunda Parte de O Livro dos Espíritos [1] é intitulado “Faculdade, que têm os Espíritos, de penetrar os nossos pensamentos”. Diante do entendimento comum acerca do pensamento, conforme apresentado, tem-se a impressão que os espíritos penetram na nossa mente. Contudo, isto é uma falácia.

Nos casos em que um espírito interage diretamente com a mente de outro espírito, seja encarnado ou não, pode ser motivo de grande perturbação, tais como em processos obsessivos, como a subjugação, ou em alguns tipos de processos mediúnicos quando o médium ainda não alcançou a necessária educação mediúnica. Note-se que utilizamos o termo “interagir” e não “penetrar”.

Na seguinte questão formulada por Kardec: Podem os espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?[2], podemos perceber que houve uma alteração da palavra “penetrar” por “conhecer” os pensamentos. Esta é a

configuração da pergunta que foi apresentada aos espíritos responsáveis pela Codificação, a qual responderam que “Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular” [2].

É preciso estarmos atentos para o fato de que a capacidade de utilização da mente, no sentido de elaborar processos envolvendo informação dos mais variados tipos, pode ser interpretado como inteligência. Quanto maior a capacidade de processamento e de concatenação de informação, maior seria a capacidade intelectual. Por sua vez, a inteligência é um atributo essencial do espírito [3] e, por isso, inalienável.

Por ocasião do artigo publicado neste jornal sobre transmissão de pensamento [4], apresentamos uma distinção entre pensamento e processo mental no intuito de identificar duas componentes de um evento, sendo o pensamento decorrente de um processo mental.

Desta forma, podemos afirmar que o espírito, fazendo uso de seu atributo essencial - a inteligência - elabora processos mentais, sejam lembranças, decisões, ponderações, aprendizado, sentimentos, emoções, etc. Em decorrência, há uma repercussão destes processos no fluido - o pensamento. Poderíamos, então, considerar o pensamento como a resultante relacionada com o processo mental, isto é, a repercussão.

Para fins de comparação, pode-se pensar que o fenômeno principal em uma lâmpada seja a produção de luz, mas isto não é uma verdade. O fenômeno principal ao se ligar o interruptor de uma lâmpada é a ionização do gás que, por sua vez, transfere energia para a camada de material na parede interna do tubo por fótons na faixa do não visível para, a posteriori, emitir fótons na faixa da luz visível. Em outras

palavras, em decorrência de processos internos na lâmpada, há repercussão na região externa da lâmpada, luz visível, repercussão esta que é percebida pelo olho humano.

Em uma simples lâmpada há a ocorrência de uma sequência de fenômenos quânticos que culminam na produção de luz visível. Similarmente, na mente ocorre uma sequência de fenômenos quânticos que culminam em uma repercussão no fluido que pode ser percebido por outro espírito.

Em o livro *A Gênese*, Kardec esclarece sobre esta ação no fluido pelo pensamento, apresentando o conceito de que o pensamento é algo que ocorre, por assim, dizer, fora da mente, ou que é exteriorizada por esta, quando diz que “para os espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis”[5].

Sob este ponto de vista, o pensamento pode ser concebido como um tipo de energia, a energia mental, capaz de realizar trabalho, isto é, capaz de alterar as propriedades do fluido ao qual é direcionado, imprimindo neste as características do próprio pensamento, ou seja, segundo a informação por ele carregada.

Por um processo natural, o fluido adquire as qualidades do pensamento, assim, os espíritos chegam a conhecer o que desejaríamos ocultar de nós mesmos [2].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos.
2. Ibidem; questão 457.
3. Ibidem; questão 24.
4. Claudio C. Conti; Transmissão de Pensamento, Jornal Correio Espírita, edição de setembro de 2019.
5. Allan Kardec; A Gênese; Cap. XIV.



Janeiro de 2020

## **Influência dos Espíritos em Nossos Pensamentos**

Conforme o texto publicado em dezembro de 2019 neste jornal, intitulado Faculdade dos Espíritos em Penetrar Nossos Pensamentos [1], não pode haver interação direta de um espírito com a mente de outro espírito, seja encarnado ou não. Em outras palavras, um espírito não poderá impor - “inserir” - um pensamento na mente de outro por razões óbvias, isto é, caso houvesse esta possibilidade seria um aviltamento da personalidade espiritual com conseqüente comprometimento da própria individualidade. Tal efeito se pode verificar nos casos de obsessões mais graves e, assim, não pode ser um processo comum e natural entre espíritos em geral.

Diante do que foi apresentado, devemos, portanto, interpretar o termo “influência” no título do item “Influência Oculta dos Espíritos em Nossos Pensamentos e Atos”, que consta d’O Livro dos Espíritos [2], como uma ação externa ou uma inspiração.

O que nos cabe analisar, neste texto, é como esta ação externa se processa.

Neste tentame, utilizaremos o mesmo princípio pelo qual o marketing na venda de produtos, isto é, uma ação externa atuando em um ou mais dos sentidos físicos, constante, o mais atraente possível e com forte apelo sentimental. Os fabricantes com maior poder econômico alcançam estes objetivos mais efetivamente, enquanto outros, dispendo de menor recursos, são menos efetivos.

A propaganda de produtos e serviços é apresentada em um meio qualquer, seja televisão, rádio, jornal, panfletos,

internet, dentre outros. Estes meios de comunicação para os encarnados são processados em material físico: a veiculação visual pode ser em papel ou uma tela, tal como televisão ou computador; a veiculação através de áudio utiliza o ar como meio de propagação, o que também é matéria.

Desta forma, podemos dizer que o marketing entre encarnados é alcançado através de qualquer meio que sensibilize os sentidos físicos do corpo para, assim, ser percebido pelo espírito. Todo este processo é uma tentativa de induzir a população à consumir este ou aquele produto ou, até mesmo, realizar uma ação qualquer, tal como frequentar este ou aquele local. As finalidades são as mais diversas.

Enquanto encarnados, somos maciçamente bombardeados com propagandas de todos os tipos. Em um grande shopping, por exemplo, todas as luzes, cores e sons nos deixam em estado de sobre-excitação, condição propícia para comprar. Muitos compram o que necessitam, outros, porém, compram até o que não lhes será útil. Cabe ao consumidor delinear os limites e se ater ao que pretendia comprar.

Importa ressaltar que cada um é atraído pelo seu interesse pessoal. Assim, um homem tende a não ser atraído por propaganda de maquiagem, enquanto uma mulher tende a não ser atraída por propaganda de equipamento de futebol. Obviamente que não se trata de uma regra, apenas um exemplo.

É preciso, portanto, controlar os impulsos e não se deixar levar pelas influências externas na hora de comprar, seja alimentos ou produtos outros, focando a mente naquilo que interessa para que a ida ao shopping ou ao mercado não se torne um pesadelo.

Para o espírito, desencarnado ou não, esteja ligado ao corpo ou liberto, o processo segue o mesmo padrão.

Segundo os espíritos responsáveis pela Codificação, os espíritos influem em nossos pensamentos e atos muito mais que imaginamos, e que, de ordinário, são eles que nos conduzem [3], pois somos bombardeados com o pensamento daqueles que estão ao nosso redor. O contato com o pensamento de outros, não podendo ser por interação direta, resta, apenas, a interação com o fluido que se adequa, por assim dizer, ao pensamento.

O espírito, fazendo uso da inteligência, elabora processos mentais, repercutindo no fluido que, naturalmente, adquire a qualidade correspondente [4]. O pensamento é a resultante relacionada com o processo mental, isto é, a repercussão [1].

Em contato com o fluido de diversas qualidades, o espírito assimila aquele que está em afinidade com seus processos mentais, esta afinidade é decorrente de qualidades de fluido semelhantes. Qualidades antagônicas, tal como água e óleo, não interagem, ao passo que, qualidades semelhantes, tal como água e vinagre, interagem entre si. Entre estes dois extremos, existe uma variedade infinita de interações parciais onde entram em ação índices de saturação, isto é, a interação tem lugar até um determinado nível, não seguindo adiante.

Enquanto que um vegetariano sente repulsa ao odor de carne assando, para outro servirá de atrativo. O primeiro repele enquanto o último assimila. Ao estímulo recebido, neste caso olfativo, haverá a elaboração de processos mentais com cada um repelindo ou assimilando a informação constante no fluido segundo o interesse próprio.

Assim, analisando a si próprio, o autoconhecimento, podemos identificar qual o tipo de influência a que estamos sujeitos.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Faculdade dos Espíritos em Penetrar Nossos Pensamentos, Jornal Correio Espírita, edição de dezembro de 2019.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Segunda Parte, Cap. IX.
3. Ibidem; questão 459.
4. Ibidem; questão 24.

Fevereiro de 2020

## Possessão

Corriqueiramente, fala-se em desdobramento como sendo o momento em que o espírito se desprende do corpo dando, desta forma, a ideia de que a ligação seria, por comparação, algo tipo um velcro; algumas imagens veiculadas demonstram este fenômeno como um "corpo" esbranquiçado saindo do interior do corpo físico. Diante destas representações é natural que o pensamento comum seja de que o espírito esteja dentro do corpo. Porém, será isso mesmo? O espírito está dentro ou fora do corpo?

Esta pergunta é muito pertinente e, inclusive, esta dúvida é motivo para muita dificuldade de entendimento em várias outras questões relacionadas, tal como a emancipação da alma. Pode-se verificar que o próprio Kardec mantinha questionamentos semelhantes, como pode ser verificado na seguinte pergunta: O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? [1].

A resposta apresentada é: “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira”[1].

Diante desta colocação, Kardec comenta: "Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito"[1].

Tal colocação isolada pode conduzir à ideia de que realmente as camadas do perispírito e o próprio corpo físico

envolvem o espírito tal qual as roupas e um sobretudo, onde as roupas representariam o perispírito e o sobretudo, o corpo. Porém, sob esta visão, o corpo deveria ser “oco”, contudo, não é o que se verifica. Tal conceito conduz muitos a procurarem a alma dentro do corpo e, como não acham, crêem que não exista.

O espírito André Luiz, sob a psicografia de Francisco C. Xavier, diz que "muitos comunicantes da vida espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdivididos em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições"[2].

Portanto, as várias camadas de matéria é mais uma questão de condição do que propriamente de espaço. Desta forma, interpretar as palavras de Kardec como camadas superpostas é uma abordagem muito simplista. É preciso compreender a relação espírito-perispírito-corpo físico como diferentes condições, com cada parte existindo em sua condição específica e, de alguma, forma, se relacionando entre si.

Podemos, então, passar para o tema em questão, a possessão, que apresenta certa complexidade e requer uma cautela na abordagem.

O termo “posseço”, como bem colocado por Kardec, "na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo". Como não existe demônios, continua Kardec, "o termo 'posseço' só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a espíritos imperfeitos que a subjuguem" [3]. Assim, esta

abordagem do tema considera o processo em si, o qual pode estar relacionado com a obsessão ou não.

Kardec aprofunda o estudo na seguinte pergunta: Pode um espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

A resposta para esta pergunta é de que o "espírito não entra em um corpo como entras numa casa", mas pode haver uma identificação com o encarando [4].

Com relação a "não entra em um corpo", é preciso compreender que, como exposto anteriormente, nem mesmo o espírito encarnado se encontra dentro do corpo, mas ligado através das várias condições de existência. Na época de Kardec, somente se conhecia a comunicação utilizando meios físicos, tal como os fios no telégrafo. Atualmente, com a telefonia celular, verifica-se um outro tipo de comunicação, sem necessidade de conexão física. A comunicação entre espírito, camadas perispirituais e corpo se dá através de comunicação não física.

Este tema foi aprofundado no livro A Gênese, Kardec diz que "na possessão pode tratar-se de um espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu casaco a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo". Contudo, "quando é mau o espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir... Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria

e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa”[5].

Léon Denis, por sua vez, substitui o termo “possessão” por “incorporação”, e diz que "a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação... Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do espírito”[6].

Pelo que foi apresentado, a incorporação, termo mais comumente utilizado para os processos mediúnicos, enquanto “possessão” é mais utilizado para processos obsessivos de determinada natureza, é um tipo de fenômeno conhecido, estudado e apresentado pelos dois expoentes do Espiritismo, Allan Kardec e Léon Denis, sendo, portanto, um fenômeno importante e que deve ser reconhecido pelos espíritos.

#### Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 93.
2. André Luiz, sob a psicografia de Francisco C. Xavier, em Evolução em Dois Mundos (pg 97).
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, comentário à questão 474.
4. Ibidem; questão 474.
5. Allan Kardec; A Gênese, Cap. XIV.
6. León Denis; No Invisível, Cap. XIX.



Março de 2020

## **Afeição de Desencarnados por Encarnados**

Ainda é muito difícil, no nosso nível evolutivo, entendermos as Leis Divinas em sua completude. Contudo, por mais limitados que sejamos, temos condições de, alguma forma, conceber partes delas. Assim, dentro daquilo que concebemos, a parte da Lei que considero mais interessante é a Lei de Afinidade, por apresentar uma solução para um ponto em especial: O agrupamento de espíritos na diversidade de mundos e condições de existência.

A grande questão é: Como definir, dentro da infinidade de mundos, condições e níveis evolutivos dos espíritos, qual seria o local e as companhias mais adequadas para determinado indivíduo?

Podemos, na tentativa de expor a questão, fazer uso de um exercício mental. Imaginemos duas vias: Avenida A) sendo utilizada apenas por motoristas conscienciosos, que respeitam as leis de trânsito, semáforos e tudo o mais e; Avenida B) sendo utilizada por motoristas que não respeitam as leis de trânsito nem os outros motoristas.

Certamente, os motoristas da Avenida A não tenderiam a transitar na B e, aos da B, seria vetado transitarem na A. Assim, não seria necessário impor restrições aos motoristas A, pois estes somente iriam para B em casos de necessidade, tal como ensiná-los a dirigir adequadamente.

Agora, vamos imaginar que os motoristas pudessem escolher livremente a via para transitarem. Nesta situação, os motoristas da Avenida B tenderiam a transitar nas duas vias,

inclusive por ser a Avenida A mais segura. Contudo, as duas avenidas se tornariam igualmente perigosas, pois os espíritos equivocados não se adequam ao meio em que se encontram, contudo, tendem a transformar este meio ao que estão habituados.

A Lei de Afinidade agrupa, naturalmente, os espíritos afins, assim, os motoristas da Avenida B não poderiam perturbar a paz e a segurança que usufruem aqueles compatíveis com a Avenida A.

Analisando a Terra como um todo, percebe-se comportamento muito interessante. Primeiro as pessoas eram, alguns mais, outros menos, restritos ao país de origem; com a globalização houve uma liberdade maior de trânsito; atualmente, as barreiras já estão se levantando, as leis de imigração estão ficando mais rígidas. O motivo da mudança é a falta de respeito da maioria para com os locais onde imigram ou visitam.

Ao considerarmos a transmigração entre mundos, baseados no que se observa no nosso planeta, podemos entender a necessidade desta Lei, na qual não adianta pensar em suborno, por que aqueles que subornam estão juntos daqueles que são subornados ou subornáveis.

Após esta preleção, podemos entrar no tema propriamente dito, iniciando com a seguinte questão [1]: Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?

A resposta apresenta um direcionamento para o entendimento da Lei de Afinidade [1]: “Os bons espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos”.

Esta resposta apresentada à Kardec deixa claro a facilidade com que selecionamos as nossas companhias desencarnadas. Pois, em conformidade com os nossos hábitos, tanto comportamentais quanto mentais, atraímos os espíritos afins.

A seleção da categoria de espíritos que se afeiçoam à determinada pessoa está relacionado com o sua forma de pensar e o próprio comportamento. Assim, para aqueles que se ocupam com o próprio aperfeiçoamento e procura ocupações, inclusive de lazer, visando manter um comportamento compatível com a reforma íntima, os bons espíritos se aproximam e os auxiliam no tentame e em tudo o mais que puderem.

Em contrapartida, comportamento, pensamento e ocupações levianas e/ou irresponsáveis tendem a atrair a simpatia de espíritos que se comprazem com este tipo de interesse.

Espíritos ligados à um mundo de expiação e provas são, por definição, equivocados, portanto, precisamos procurar ser "suscetíveis de nos melhorarmos"[1], fazendo esforço para alcançar o intento. Pois, dentre os nossos males, aqueles que mais afligem os espíritos por nossa causa são o egoísmo e a dureza dos nossos corações [2].

Isto em se tratando de afeição, contudo, há um outro tipo de relacionamento com encarnados que pode atrair desencarnados, o que fica bem claro na seguinte resposta [3]: "A verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um espírito se apegua a uma pessoa, nem sempre o faz só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se das paixões humanas". Com a nossa transformação, através do exemplo, esses espíritos também são esclarecidos e também se transformam.

A grande maioria da humanidade ainda acredita que a frequência à casas religiosas e preces sejam suficientes para atrair bons espíritos, sem a necessidade da observância do comportamento fora do templo. Ainda vivemos na busca de "milagres" mesmo que conste, no corpo doutrinário da vertente de pensamento ou religiosa que seguem, que não há ocorrência de milagres, mas cumprimento de Leis bem definidas.

Notas bibliográficas:

- Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 484.
2. Ibidem; questão 487.
3. Ibidem; questão 485.

Abril de 2020

## **Espíritos Protetores**

Muito conhecidos na doutrina judaico-cristã, a mais comum no ocidente, como anjos ou anjos da guarda, os espíritos protetores são de inestimável auxílio para os encarnados. Contudo, como a sua ação não é no plano de percepção aos encarnados, podemos dizer que a grande maioria não percebe seus cuidados para com seus tutelados.

Certa vez, por exemplo, minha esposa estava internada no hospital e, em certo momento, um grupo de três religiosas católicas bateram à porta do quarto e nos perguntaram se poderiam entrar para uma oração pela enferma. Imediatamente, dissemos que sim. Após a oração, uma delas voltou-se para nós e relatou que via, nas palavras dela, o anjo da guarda da minha esposa, bem próximo a ela, acariciando seus cabelos.

Traduzindo este relato para uma linguagem espírita, podemos dizer que se tratava de seu espírito protetor que, aproveitando o momento de oração e a presença de três outras pessoas com o pensamento voltado para auxílio ao próximo, mesmo não conhecendo os enfermos por quem oravam, ministrara um fluido curador/restaurador.

Este tipo de auxílio, e muitos outros, não é prerrogativa de minha esposa, mas de todos e acontecem, como já dito anteriormente, sem o percebermos, quer acreditemos na sua existência ou não. Porém, para aquele que desenvolveu a fé, não precisa ver para crer.

Não é necessário, desta forma, buscar pessoas que se dizem capazes de dizer se a pessoa possui ou não um anjo da guarda e, muito menos, saber o nome. Podemos nos comunicar com ele diretamente e da forma com bem entendermos, com

uma linguagem comum, em qualquer lugar. A comunicação é bem mais simples do que se imagina, pois, eles nos conhecem muito bem, melhor do que nós mesmos nos conhecemos.

Kardec questiona quanto a missão do espírito protetor para com o seu tutelado. A resposta não poderia ser mais óbvia, pois dizem ser “A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida”[1].

Percebe-se que esta descrição corresponde à uma relação de muita amorosidade e dedicação. Contudo, é preciso ressaltar que eles aconselham, consolam e dão ânimo, porém, não solucionador de problemas nem, tampouco, têm como responsabilidade a satisfação dos nossos desejos.

Além do mais, estes espíritos não podem nos forçar à atitudes que sejam consideradas corretas. Devemos lembrar que apenas os espíritos inferiores impõem seus desejos sobre os outros, como nos casos de obsessão. Desta forma, somos responsáveis pelas nossas ações, não podendo culpar o espírito protetor por escolhas equivocadas e os revezes da vida.

Estes espíritos respeitam as escolhas de seus protegidos, sem imposições. Isso fica claro quando Kardec pergunta se o espírito protetor poderia abandonar seu protegido. Na resposta dizem que ele pode se afastar “quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame”[2].

Em decorrência do que foi apresentado, fica ainda mais claro que não existe necessidade de buscar leitores da sorte de qualquer tipo para saber se o espírito protetor está perto ou

longe, para isso basta analisarmos nossos interesses e ações. Quando trabalhamos pelo aperfeiçoamento pessoal, ele está perto, quando não, ele estará longe. O autoconhecimento é fundamental.

Vale lembrar que “remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam”[3]. Isto significa que muitas das dificuldades que enfrentamos durante a encarnação sejam decorrentes de nossas escolhas pessoais, independentemente se foram induzidas por espíritos inferiores ou não, pois, afinal, a escolha é sempre pessoal se vamos dar ouvidos aos inferiores ou aos protetores.

A grande questão que devemos considerar, compreende os motivos pelos quais causamos, à nós mesmos, tamanha quantidade de males. São eles a consequência do nosso próprio comportamento, que é relacionado com imprevidência, orgulho e ambição, qualidades que precisamos abolir ao mesmo tempo que precisamos desenvolver a ordem, a perseverança e limitar os desejos àquilo que é adequado, dentre outros [3].

Em resumo, dispomos do auxílio necessário vinte quatro horas por dia, sete dias na semana, isto é, ininterruptamente, bastaria que nos dedicássemos ao nosso próprio aprimoramento, o que traria inúmeros benefícios para nós mesmos, na mesma proporção que diminuiria os sabores da existência carnal.

Notas bibliográficas:

4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 491.
2. Ibidem; questão 495.
3. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, item 4.





Maio de 2020

## Pressentimento

Muitas vezes creditado às mulheres e referenciado como sexto sentido feminino, o pressentimento faz parte do cotidiano da humanidade em decorrência da nossa essência puramente espiritual. Neste sentido, tanto homens quanto mulheres possuem a potencialidade para pressentir eventos prestes à acontecer ou que ainda estejam por vir.

Em O Livro dos Espíritos temos que o pressentimento “é o conselho íntimo e oculto de um espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento”[1].

Assim, o pressentimento pode tanto ser decorrente do conselho de um espírito amigo ou do conhecimento oculto sobre a própria encarnação.

Contudo, outras abordagens são pertinentes.

O pressentimento está, de certa forma, relacionado com eventos ao longo do tempo. Portanto, a questão do tempo passa a ser um importante fator a ser considerado.

Já apresentamos aqui, neste Jornal, que uma mudança de como compreendemos o fluir do tempo altera a nossa percepção de conceitos espíritas [2,3]. Nesta ocasião, dissertamos sobre a eternidade não ser compreendida na visão temporal, mas, atemporalmente, fora das limitações impostas

pelo que consideramos como passagem, ou fluir, do tempo. Nas palavras do cientista Paul Davies: "Do passado fixo ao presente tangível e ao futuro indeterminado, é como se o tempo fluísse inexoravelmente. Mas essa é apenas uma ilusão"[4].

Os conceitos de tempo e de espaço sofreram uma mudança brusca com a Teoria da Relatividade, elaborada por Albert Einstein; a qual demonstra que não são entidades fixas e constantes, como eram compreendidas até então, são, como consta no próprio nome da teoria, relativas ao "observador", isto é, ao referencial.

Sob esta ótica, podemos compreender melhor o que nos dizem os espíritos. Com relação ao passado dizem que "o passado, quando com ele nos ocupamos, é presente"[5] e, com relação ao futuro, "quando o vêm, parece-lhes presente"[6]. Podemos, então, dizer que o passado e o futuro passam a ser o presente dependendo da condição em que o espírito se encontra em relação com o contínuo espaço-tempo conhecido, isto é, do referencial.

Apesar de ser um pouco conflitante esta visão do tempo por diferir do senso comum, abre portas muito amplas para o entendimento da nossa existência espiritual e da nossa relação com o processo evolutivo. O tempo, não sendo fixo, passa a estar relacionado com o estado mental do espírito, assim como sua própria existência material. Nos desvencilhando de passado e futuro, podemos manter o foco naquilo que realmente importa, que é o presente, pois, o cuidado pessoal com o presente estabelecerá, não apenas o seu próprio futuro, mas, também, o seu passado.

Nesta abordagem, o pressentimento também pode ser entendido de uma forma mais simples. Dependendo da atenção que o espírito presta aos eventos que ocorrem ao seu redor e no

mundo como um todo, poderá concluir por eventos específicos que estariam no futuro. Mesmo na visão trivial de futuro, tem-se que os eventos que estão por vir são decorrentes das condições de contorno do presente.

Assim, por exemplo, podemos dizer que um motorista seguindo por uma determinada estrada chegará ao seu destino, podemos, inclusive, estimar a hora de chegada. A destreza do motorista, o tipo de automóvel, as condições da estrada e do clima seriam as condições de contorno e, assim, a previsão é possível. Verificamos, nesta análise que, quando tratamos com fatos facilmente relacionáveis, chamamos de previsão, quando não, chamamos de pressentimento.

Assim, os meteorologistas preveem chuva baseados em observação e estudos; porém, aquele idoso que diz que vai chover porque o joelho dói, diz-se que tem o pressentimento.

A atenção dedicada aos eventos tem fundamental importância para o processo evolutivo do espírito. Muitos passam toda a existência corporal sem se atentarem para o que fazem e o que os outros fazem, nem, tampouco, para as consequências das ações para com os outros. Em outras palavras, passam a vida inconscientemente. A consciência dos próprios atos e do entorno é a única forma de garantir uma existência corporal adequada e saudável, útil para si próprio e para os outros, além, é claro, de favorecer o processo evolutivo para que, quando soar o momento da partida para outra condição de existência, o espírito possa estar tranquilo de que está partindo em melhor condição do que aquela quando chegou.

Notas bibliográficas:

5. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 522.
2. Claudio C. Conti; Vida Eterna, Jornal Correio Espírita, Abril de 2017.
3. Claudio C. Conti; Ensaio sobre Questões Espíritas, <http://ccconti.com/Livros/livros.htm>
4. Scientific American Brasil Outubro, 2002 - Paul Davies.
5. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 242.
6. Ibidem; questão 243.

Junho de 2020

## Os Espíritos nos Eventos da Vida

Recentemente os Estados Unidos da América divulgaram três vídeos relativos ao avistamento de objetos voadores não identificado, os OVINs, por pilotos de aviões.

Esta revelação não deixa de ser muito interessante, pois, põe fim à uma série de especulações sobre o fato dos americanos terem ou não informação sobre OVNI's. Diante desta notícia, um companheiro de lide espírita apresentou um questionamento acerca da natureza do objetivo dos seres extraterrestres e se a "visita" estaria relacionada com o direcionamento dos eventos relativos à humanidade terrestre.

Importa ressaltar que, como a própria denominação diz, são objetos não identificados, portanto, sem nenhuma informação quanto à sua origem ou natureza, nem mesmo se realmente são naves espaciais no entendimento comum ou, ainda, se são tripuladas ou não. Esta colocação não se trata de ceticismo ou descrença, apenas uma avaliação imparcial baseada nos dados disponíveis. Dito isto, no nosso entendimento, não existe motivo conhecido para que não possa haver vida com inteligência avançada em outros planetas.

Contudo, apesar das dúvidas e incertezas relativos aos OVNI's, podemos ponderar acerca da necessidade de seres extraterrestres para direcionar eventos na Terra.

Kardec, em sua análise sobre a ação de espíritos desencarnados nos acontecimentos da vida cotidiana dos encarnados, apresenta uma pergunta aos responsáveis pela Codificação. A resposta não poderia ser mais clara, afirmam que nos aconselham [1] e, indo mais além, que o fazem não apenas por sugestões e pensamentos, mas com ação direta

sobre o “cumprimento das coisas”, contudo, “nunca atuam fora das leis da natureza”[2].

Diante das respostas obtidas, Kardec apresenta uma avaliação muito interessante relacionada com a nossa expectativa. Diz ele que somente consideramos a possibilidade de uma ação de espíritos desencarnados por fenômenos extraordinários, por meio de milagres e/ou armados de uma varinha mágica [3], ou, podemos acrescentar, através de viagens interestelares utilizando OVINS.

A Doutrina Espírita veio nos apresentar uma nova realidade acerca dos eventos cotidianos e a importância da conscientização da finalidade da vida enquanto encarnados. Nesta abordagem, assumir a responsabilidade das nossas decisões e escolhas é fundamental para o nosso aprimoramento. Assim, não devemos esperar milagres, sejam na interpretação comum do termo ou personificados em seres extraterrestres.

O maior milagre da vida é a desencarnação, pois, neste evento, retornamos à condição mais próxima da nossa essência mais básica, a espiritual, vislumbrando uma realidade muito diversa da material, com possibilidades muito além da reconhecida enquanto encarnados. Contudo, ainda consideramos a desencarnação como uma expiação, como sendo o pior que pode acontecer ao ser humano, descarecendo da mesma importância para com os animais. Apesar desta afirmação, é preciso ressaltar a importância de não promover a própria desencarnação, muito pelo contrário, trabalhar para a manutenção da saúde física, para que a transição seja tranquila e proveitosa para o processo evolutivo.

Desta forma, no momento pelo qual a humanidade terrestre está passando, com este novo vírus - COVID 19, não devemos esperar anjos vindos dos céus trazendo a solução, muito menos extraterrestres. Todavia, temos muito a fazer,

pois, precisamos reconhecer que vivenciamos uma situação que possibilita enormes aprendizados com relação a nós mesmos e aos demais.

Pela natureza da disseminação do vírus e sua ação, que pode levar à óbito, podemos inferir se tratar de um processo de prova por envolver, praticamente, todo o planeta, por apresentar algum grau de letalidade e, especialmente, pela forma com que foi apresentado para a população, isto é, como se fosse uma “nova” Peste Negra que assolou a população européia em meados do século XIV.

Diante deste cenário, o instinto de conservação aflorou com força e, ao mesmo tempo, as paixões, mais precisamente, o apego ao corpo, à vida material. A combinação de instinto e apego dá ensejo ao pânico e ao desespero, inibindo, desta forma, a inteligência. Assim, foi, e ainda é, possível observar sentimentos e comportamentos dos mais diversos, demonstrando que abriu-se mão da capacidade de pensar. Kardec apresenta profundo estudo sobre instinto, inteligência e paixões no livro *A Gênese* [4].

Assim, as situações de crise, sejam elas quais forem, são oportunidades para desenvolvermos a inteligência e controle dos instintos e das paixões, pois, apenas através deste exercício é que teremos condições de enfrentamento consciente e poderemos, desta forma, utilizar a experiência como oportunidade de evolução.

Também, neste caso específico, demonstra ser necessário o cuidado com o próprio corpo para a manutenção do sistema imunológico, com atenção à alimentação, atividades físicas e privilegiando a prática de lazer saudável.

Além de tudo isso, a prece se faz necessária para que tenhamos forças suficientes e o auxílio caridoso dos bons espíritos para que possamos promover as mudanças de hábitos

mentais em nós, tão fundamental para as mudanças comportamentais, pois, esta é a intervenção que podemos e devemos esperar dos desencarnados.

Notas bibliográficas:

6. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 525.
2. Ibidem; questão 525a.
3. Ibidem; Comentário à questão 525a.
4. \_\_\_; A Gênese, Cap. III.



Julho de 2020

## **Ação dos Espíritos nos Fenômenos da Natureza**

Em artigo recente, publicado neste Jornal Correio Espírita, intitulado Os Espíritos nos Eventos da Vida [1], foi discutida a ação que espíritos desencarnados exercem sobre eventos materiais e apresentada a posição dos espíritos responsáveis pela Codificação com relação ao tema, ao afirmarem que os espíritos nos aconselham [2] e, indo mais além, que o fazem não apenas por sugestões e pensamentos, mas com ação direta sobre o “cumprimento das coisas”, contudo, “nunca atuam fora das leis da natureza”[3].

Em outro artigo, também neste jornal [4], foi dito que, como poderíamos esperar das Leis de Deus, o espírito está sempre em condições de aprender e evoluir [5] e, sob esta premissa básica, não seria sensato crer que os mundos transitórios sejam, simplesmente, locais de “descanso”. Desta forma, assim como o planeta Terra é local de trabalho, apesar do que muitos possam pensar, os mundos transitórios também ensinam o progresso. É todo um longo processo de formação e adequação de mundos para que os espíritos nas diversas condições possam encontrar campo propício para sua evolução à caminho da finalidade da Criação, demonstrando que, como disse Jesus, há muitas moradas na casa do Pai [6].

Para melhor entendimento dos fenômenos da natureza é preciso que estejamos cientes de que a condição do planeta Terra, como mundo de provas e expiações, está diretamente relacionado com o nível evolutivo dos espíritos ligados ao mundo, estejam encarnados ou na erraticidade. Assim, estes fenômenos possuem uma infinidade de objetivos diferentes,

seja para manutenção da salubridade do orbe ou para o desenvolvimento intelectual e moral de seus habitantes. Tudo em a natureza tem uma finalidade providencial, se assim não o fosse, não poderíamos entender o Pai como infinita bondade e sempre nos questionaríamos se este ou aquele acontecimento teria algo para aprendermos ou seria apenas de um “capricho” de Deus [7,8].

Temos uma tendência a buscar explicações, isto é natural e saudável, haja vista que evoluímos nesta busca pelo entendimento das mais diversas questões e, assim, há o aprimoramento intelectual ou moral, dependendo da natureza da questão que se pretende conhecer. Contudo, muitas vezes encontramos explicações equivocadas ou tendemos a nos manter em um nível no qual nos sentimos confortáveis, com explicações e conceitos que, apesar de terem sido úteis em algum momento, podem estar ultrapassados.

Isto é mais saliente em questões que não temos condições de compreender, tal como a ação de espíritos nos fenômenos da natureza, como colocado nas seguinte afirmação: “Dia virá em que receberéis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor”[9]. Todavia, muito ainda se pode apreender analisando a informação apresentada na Codificação Espírita.

Um ponto que fica bem claro é que não há espíritos habitando o interior da Terra causando ou conduzindo fenômenos geológicos, tal qual terremotos ou vulcões [9]. Assim, já podemos dizer que sabemos, ao menos, onde eles não estão.

Seguindo na análise da informação, temos que os espíritos que presidem os fenômenos geológicos não são habitantes da Terra e, também, que presidem “aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm”[9]. Portanto,

há uma gradação de atribuições e, por isso, podemos inferir se tratar de processos gerenciados por inteligências em variados graus e não apenas de um único nível evolutivo. Por se tratar de “cumprimento das coisas” que “nunca atuam fora das leis da natureza”[3], podemos inferir, também, que há controle desde as esferas mais elevadas, pois, devemos ter em mente que as leis materiais para este universo conhecido foram elaboradas e são mantidas por espíritos de alta elevação. Quanto maior a necessidade de ação material, mais baixo o nível evolutivo do espírito; em contrapartida, quanto menor a ação material, tal como no caso de gerenciamento do processo, mais elevado o nível evolutivo [10].

Além disso, os espíritos que presidem os eventos da natureza não são de uma categoria especial e, inclusive, foram ou serão encarnados na Terra [11]. É preciso ressaltar que, por “serão encarnados na Terra”, não necessariamente se trata de espíritos em nível inferior aos habitantes do planeta, mas que apenas ainda não encarnaram aqui, podendo ser proveniente de outro orbe, por exemplo. Este é um ponto importante, pois, põe por terra teorias e crenças a respeito daquilo que se considera como elementais, tais como gnomos, duendes, fadas.

Isto com relação aos que presidem, isto é, gerenciam o processo. Com relação aos que atuam materialmente, por assim dizer, podem ser, inclusive, os encarnados.

Em resumo, os processos relacionados com os eventos da natureza apresentam uma similaridade com todos os demais, isto é, são espíritos comuns gerenciados pelos que possuem maior discernimento e conhecimento. Além disso, muitos que participam dos fenômenos da natureza não tem consciência do que fazem por se tratar de processos inerentes à ação do pensamento sobre a matéria e que, no dia a dia, não nos damos

conta, inclusive, por exemplo, a própria manutenção da organização física [12].

Diante do que foi apresentado, muitos daqueles que se vêm em meios aos flagelos naturais não necessariamente foram encaminhados para aquele local, como muitos acreditam, mas os flagelos são decorrentes da própria aglomeração destes espíritos, mesmo os encarnados. Estes eventos não devem ser considerados como necessariamente processos expiatórios, pois, muitos são fundamentais para a manutenção da salubridade do planeta e, para isto, alguns perdem a vida material, mas que continuam sua jornada evolutiva, cumprindo o papel que lhes cabe na grande obra da Criação [13].

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita, Os Espíritos nos Eventos da Vida, junho de 2020.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 525.
3. Ibidem; questão 525a.
4. Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita, Mundos Transitórios, novembro de 2018.
5. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 235.
6. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. III.
7. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 236.
8. Ibidem; questão 236a.
9. Ibidem; questão 237a.
10. Ibidem; questão 238a.
11. Ibidem; questão 238.
12. Ibidem; questão 240.
13. Ibidem; questão 239.

Agosto de 2020

## Os Espíritos Durante os Combates

Muitos ensinamentos espíritas, quando comparados com acontecimentos da vida, incluindo os históricos, podem ser de difícil interpretação e entendimento. Isto ocorre em decorrências de uma tendência muito comum de analisar partes de informação isoladamente, sem combiná-las, seja conjuntamente ou sequencialmente. Dentre estes temas, o combate, ou as guerras, é um deles, o qual não parece de utilidade para a Providência Divina.

Kardec apresenta este conceito ao dizer que “a destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes criou ele a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros”[1].

Assim, para melhor entendimento da utilidade dos combates é preciso considerar a destruição dos seres vivos uns pelos outros, começando pela necessidade mais básica de todo ser vivo: a alimentação.

Tomemos como exemplo uma águia caçando um coelho. Nesta batalha, a águia utiliza todas as suas potencialidades para ter sucesso em seu intento. O coelho, por sua vez, utiliza todas as suas potencialidades para que ela não tenha sucesso em seu intento. Temos, então, que ambos, caçador e caçado necessitam levar seus atributos ao extremo, pois, somente assim, será capaz de se desenvolver. O fato de alcançarem os seus limites não significa que aquilo é tudo que podem aprender, podendo sempre ir um pouco além. Assim

surgem os líderes, aqueles mais aptos e que sobrevivem aos outros.

Em um nível acima, nos primórdios da evolução, tem-se o humano caçando o coelho. Igualmente à águia, o humano necessita exercitar suas potencialidades, levando ao extremo para que, assim, possa se desenvolver. Sendo capaz de, mais tarde, com conhecimento mais depurado, produzir ferramentas para caçar animais maiores e, também, para se proteger de outros animais e da intempérie. Sendo caçador e presa, teve o humano, oportunidade do desenvolvimento.

Desta forma, a evolução da inteligência humana segue seu curso até que chega o momento em que, diante do que o humano já aprendeu, caça ou defesa, com relação aos animais, já não apresentam desafios suficientes para colocar os seus limites à prova. Diante deste quadro, apenas outro humano seria páreo para o humano, necessitando o embate entre lados opostos, isto é, os combates.

Se conseguimos enxergar espíritos desenvolvendo suas potencialidades, podemos melhor compreender o motivo pelo qual, durante uma batalha, há desencarnados assistindo os combatentes e amparando cada um dos exércitos para estimular-lhes a coragem [2]. Além disso, também é viável que batalhas sejam previstas na Providência Divina, utilizando espíritos que ainda se comprazem com estes eventos sem que creditem importância para justiça ou injustiça e, com isso, também exercitando seus próprios limites [3].

Diante da desencarnação advinda dos embates, os espíritos que eram soldados tem reações diversas, dependendo, obviamente, de seus interesses pessoais. Assim, não é o fato da desencarnação em evento violento ou não que afetará a condição do espírito que desencarna, mas, como já dito, seus interesses. Podendo, desta forma, tanto continuar a sua ação na

batalha ou afastar-se, se mantendo alheio à situação que já não mais pertence [4].

A lição que podemos tirar desta questão dos combates é que “para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam”[1]. Este ponto de vista deve ser aplicado nos vários eventos da vida como encarnado, lembrando sempre que a desencarnação nunca deve ser vista ou apresentada como expiação, pois, trata-se de um processo natural e válido para todos os encarnados. Assim, todo divulgador espírita deve cuidar para não apresentar a desencarnação como uma forma de sofrimento ou como o “pior que pode acontecer”. O pior que pode acontecer ao espírito é ficar ligado à condição de encarnado quando já se encontra na condição de desencarnado, tal qual o combatente “morto” que permanece no campo de batalha.

Não haveria melhor forma de terminar este texto do que com as palavras de Kardec para nossa reflexão:

“Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente”[1].

“Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição”[1].

“A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está

no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo”[1].

“É necessária a luta para o desenvolvimento do espírito... O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; o espírito, que não morreu, tomará outra” [1].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; A Gênese, Cap. III.
2. O Livro dos Espíritos, questão 541.
3. Ibidem; questão 542.
4. Ibidem; questão 546.



Setembro de 2020

## **Pactos entre Espíritos**

Pacto é um contrato que versa sobre qualquer coisa, podendo ser escrito, verbal ou estabelecido de alguma outra forma. Assim, um pacto pode ser um mero olhar entre irmãos ou amigos íntimos para realizarem uma travessura.

Um ponto interessante com relação ao tema em questão é ser naturalmente considerado como decorrente da confiança. Contudo, devido ao fato do nível evolutivo dos habitantes da Terra ser ainda muito baixo, a confiança raramente se estabelece. Visando contornar essa dificuldade, a humanidade foi capaz de elaborar todo um sistema de leis e meios para que pactos sejam cumpridos. Além disso, também foi necessário definir um procedimento para que haja pessoas capazes e/ou nomeadas para avaliar as diversas relações compactuadas, tanto a própria cidadania individual, que consiste em direitos e deveres, quanto as mais diversas burocracias e procedimentos com os quais cada um tenta se precaver de qualquer contratempo, má fé ou subterfúgios quanto aos contratos assinados.

Reconhecendo toda a máquina burocrática elaborada, o trabalho de advogados e juízes, fóruns e juizados dos mais diversos níveis, conclui-se que cumprir com os deveres assumidos não é tarefa fácil para a grande maioria dos espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas. Todavia, por melhor que sejam as leis e procedimentos, isto pode ser perdido a partir do momento em que a sociedade se desvirtua além do que o sistema pode suportar, pois, a partir deste momento, inclusive aqueles que deveriam avaliar as relações

compactuadas não mais cumprem com seus deveres conforme o estabelecido.

Sob este aspecto é que devemos analisar uma questão sobre o tema e que foi muito bem colocada por Kardec [1]: Algo de verdade haverá nos pactos com os maus espíritos?

Primeiramente, é preciso lembrar que todos nós somos espíritos, seja no estado de encarnado ou não, e que a humanidade desencarnada é composta, por uma parte expressiva, de espíritos que ainda se encontram em processo reencarnatório, isto é, estavam aqui encarnados e como encarnados retornarão. Portanto, para fins de comportamento e responsabilidade para com seus deveres, de forma geral, não haveria diferença entre encarnados e desencarnados.

Ao nos depararmos com a resposta apresentada pelos espíritos à Kardec, de imediato, pode-se ter uma ideia equivocada do contexto, pois consta que não haveria pactos com relação aos espíritos maus[1].

Um pacto ou um acordo sem o registro pertinente com o respaldo jurídico está relacionado única e exclusivamente com honestidade, o que, analisando a humanidade encarnada, não é uma virtude característica dos espíritos inferiores, ou maus. Portanto, sob este aspecto, não há pactos.

Contudo, a resposta oferecida pelos espíritos ao questionamento de Kardec prossegue. Dizem eles que a simpatia, isto é, a interação entre espíritos com os mesmos interesses para alcançar um determinado objetivo, está relacionada com a própria natureza inferior, ou características, dos espíritos envolvidos [1].

Importa ressaltar que por "simpatia", quando envolve espíritos elevados, deve-se entender que a interação está relacionada com o bem comum, em um sentido amplo. Assim, a simpatia para eles está relacionada com honestidade e

companheirismo, portanto, não há qualquer tipo de consideração sobre dívidas e cobranças por um “serviço prestado”.

Porém, a situação não é a mesma para os menos evoluídos, pois, cada um visa o interesse pessoal, seja no resultado final do pacto ou em receber algo pelos serviços prestados. Neste ponto é que as consequências podem ser complicadas.

Entre espíritos inferiores, ou maus, não há honestidade e, tampouco, companheirismo, no máximo, uma aparência de companheirismo e, por isso, muitos se complicam. Como foi dito, entre os espíritos inferiores não há amizade, são comparsas em fazer um mal e, assim, diante de um evento qualquer ou alteração de interesses, podem deixar de ser comparsas e a traição e/ou cobrança tomam o lugar. Portanto, como dizem os espíritos na resposta à Kardec: “Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam esses espíritos para o mal que queiram fazer” e terminam afirmando: "Nisto é que consiste o pacto"[1].

Assim, Kardec, em comentário ao final da resposta, esclarece "o pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e espíritos malfazejos". Portanto, o pacto não guarda qualquer responsabilidade com compromissos assumidos, mas apenas com os interesses pessoais daqueles envolvidos. Para os trabalhadores do bem, não há a mínima necessidade de se estabelecer pactos, pois a prática do bem é natural para eles.

Desta forma, pactos com espíritos maus é uma falácia e que aquele que busca acredita que terá o domínio da situação,

por ser o “contratante”, mas se esquece ou não considera que o "contratado" não tem o mínimo pudor em quebrar o contrato a partir do momento que não seja mais de seu interesse ou, o que pode ser muito pior, por considerar que o “contratante" está em dívida para com ele e que será cobrada enquanto houver alguma utilidade para o “contratado”.

Notas bibliográficas:

1. O Livro dos Espíritos, questão 549.

Outubro de 2020

## **Poder Oculto, Talismãs e Feiticeiros**

Muitas vezes, dizemos “muitas vezes” para não utilizar a palavra sempre, é preciso nos despojarmos do orgulho e do interesse pessoal quando tentamos entender o que os espíritos responsáveis pela Codificação Kardequiana querem dizer com suas palavras. Um bom exemplo é a questão 551 de O Livro dos Espíritos.

Nesta questão, Kardec pergunta se um homem mau pode, com o auxílio de um espírito também mau fazer mal à outrem. A resposta obtida é categórica e não deixa dúvidas não ser possível, pois, segundo a resposta, “Deus não o permitiria” [1].

Caso fosse permitido aos maus se associarem para causar dano, estaríamos à mercê destes espíritos e é nisto que consiste a não permissão de Deus, isto é, é contrário às leis causar dano à outros pura e simplesmente.

Contudo, vários são os relatos de espíritos desencarnados maus, tal como os processos obsessivos, que causam dano, de alguma forma, à encarnados. Considerando, ainda, que muitos são os encarnados que causam dano à outros encarnados, resta a seguinte questão: Por qual motivo não seria permitido encarnados e desencarnados se associarem para causar dano à outrem?

Como, então, compreender esta questão?

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, temos que “se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por

seus excessos, ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira”[2]. Os males que o homem não podem evitar constituem os flagelos naturais.

Desta forma, a culpa que costumamos creditar aos outros é, na verdade, nossa. Em outras palavras, não são os maus que causam dano à outros, mas estes mesmo que causam dano a si mesmos em decorrência das próprias vicissitudes. Um exemplo é o caso do estelionatário que apenas consegue tirar proveito de suas vítimas em decorrência da ganância nelas existente, o desejo do ganho fácil. Numerosos são os avisos sobre as consequências de nosso comportamento na Codificação Kardequiana, tal como: "Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido”[3].

Assim, o principal motivo para nos relacionarmos com espíritos equivocados e maus, é o fato de sermos todos ligados à um mundo de expiações e provas, como a Terra, portanto, somos todos equivocados e maus. Em seguida, podemos dizer que o fato de sentirmos os efeitos danosos de espíritos maus é uma questão de afinidade. Conforme consta na resposta à questão 551, apresentada acima, não estamos à mercê dos maus por fazermos parte deste grupo e não, como muitos podem crer, devido à existência de poderes ocultos.

Considerar-se inalcançável à ação de um possível conluio entre encarnado e desencarnado é uma manifestação do orgulho, pois, somente os espíritos mais elevados que estariam livres, por assim dizer, desta ação.

A Terra é um planeta repleto de crendices e crenças das mais variadas. Isto se deve, em grande parte ao limitado entendimento das leis que regem a condição espiritual do ser humano. Como consequência, a humanidade em geral se

mantém refêm das variadas religiões e vertentes de pensamento, pois, tão grande variedade somente contribui para a insegurança reinante no que concerne questões espirituais. Um grupo se diz detentor da verdade enquanto outro grupo apresenta uma verdade diversa e, ainda, ambos divergem do que diz um terceiro grupo, e assim por diante.

É interessante notar que muito do que aparentemente é diferente nas crenças, em essência, são a mesma coisa, porém, os grupos não conseguem perceber as semelhanças. A complexidade de conceitos e ideias gera uma confusão generalizada, em que um não entende o outro e, assim, surgem os conflitos entre diversas vertentes religiosas. Temos, ainda, alguns sistemas de governo que não aceitam conviver com crenças religiosas para que o estado não seja ofuscado ou por não aceitarem dividir a dedicação da população. Como se isso não bastasse, ainda há aqueles que mesclam conceitos da ciência com religiosos equivocadamente.

Toda esta confusão está relacionada com o sistema de crenças e valores que são adotados pelas pessoas.

Dito isto, podemos perceber que um talismã tem o poder que lhe seja creditado.

Assim, não existem poderes mágicos em objetos e indivíduos, porém, a partir do momento em que alguém credita grande importância em um objeto ou pessoa ou fórmula mágica, para este alguém haverá grande poder, pois, poderá conduzi-lo nesta ou naquela direção, acreditar nisto ou naquilo, a tal ponto em que abre mão da sua capacidade de pensar para seguir cegamente o que lhe foi dito ou apresentado. Nisto há grande perigo, pois, se torna uma marionete que poderá ser instrumento de espíritos maus.

Podemos perceber a forma como uma doutrina como o Espiritismo atua, pois, seu principal ensinamento diz:

"Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo..."[4], pois, somente o conhecimento liberta o ser do cárcere da ignorância.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 551.
2. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. 27, item 12.
3. Ibidem; Cap. 28, item 3.
4. ibidem; Cap. 6, item 5.



Novembro de 2020

## **Bênçãos e Maldições**

Na mesma linha do texto de Outubro de 2020 que apresentamos neste Jornal [1], trazemos uma avaliação das bênçãos e do seu oposto, as maldições. Este tema merece certa atenção, pois, Kardec dedicou um item em O Livro dos Espíritos para uma questão apenas, que está transcrita a seguir [2]:

Podem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançados?

“Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante ele se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.”

Para sermos capazes de entender esta resposta apresentada pelos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita no melhor da nossa capacidade, será necessário analisá-la em parte, frase por frase, no intento de identificar todas as nuances do tema.

À primeira vista, pode parecer que Deus não escuta maldições, mas, não é isso que é dito. Na resposta apresentada a Kardec consta que “Deus não escuta a maldição injusta”[2]. A

palavra "injusta" faz grande diferença. Contudo, antes de falar sobre este ponto, é preciso salientar que, por "Deus escuta", não devemos interpretar como Ele ouvindo como nós ouvimos quando alguém fala conosco, e que podemos prestar atenção ou não. Seria mais correto interpretar como, no caso a maldição, trazendo algum efeito ou não, pois, os efeitos dos nossos atos e pensamentos, sejam bons ou não, são regidos pela Providência, onde as Leis são impressas, por assim dizer, e que regem nossa existência, Leis essas que todos estamos submetidos.

Após esta colocação, interpretando os efeitos como decorrentes de Leis bem definidas, podemos compreender a questão da palavra "injusta". Caso o desejo de causar dano à alguém em decorrência de uma possível má ação que este não haja realmente realizado, as Leis, em si mesmas, não contemplam a receptividade deste. Em outras palavras, como o suposto malfeitor não teve intenção de causar qualquer dano ou que seja apenas uma interpretação equivocada da suposta vítima, o "malfeitor" não carrega consigo a informação de uma má ação, portanto, não estabelece receptividade.

Assim, na perfeição das Leis, apenas o verdadeiro culpado sofrerá as consequências de suas faltas, sem necessidade de qualquer julgamento. Desta forma, o ensinamento apresentado por Jesus de não julgar, traz importante lição, pois, aquele que julga erroneamente, sofrerá as consequências da falta cometida - o equivalente a ser julgado, por isso o "Não julgueis, para não serdes julgados"[3].

Espíritos ligados a um mundo de expiações e provas apresentam duas componentes: uma relativa ao bem e outra ao mal. Desta forma, é difícil se considerar isento à maldição lançada por alguém e, assim, como "temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria"[2].

Apesar do que foi dito, não devemos nos considerar presas fáceis ou frágeis diante de possíveis maldições que nos sejam direcionadas. Podemos e, até mesmo, devemos considerar esta questão como se fosse um vírus, assunto do momento. Todos estamos sujeitos aos vírus que se encontram no ambiente e, aos quais, não conseguimos um isolamento completo, portanto, estamos suscetíveis a eles. Nós temos defesas naturais aos vírus em nosso organismo, contudo, nos cabe fortalecer estas defesas adotando práticas e posturas adequadas, tais como alimentação saudável, exercícios físicos, lazer adequado, mente sadia, dentre outras, que fortalecem as barreiras. Em contrapartida, o contrário destas práticas e posturas enfraquecem as barreiras, tornando o organismo suscetível à enfermidade.

Interessante verificar que as mesmas práticas que fortalecem o indivíduo contra os vírus são as mesmas que o fortalecem para qualquer maldição, para usar o mesmo termo do título, que lhe seja direcionada, seja por encarnados ou desencarnados.

O motivo pelo qual espíritos do nosso nível evolutivo são passíveis de tal influência é para servir "como aumento de prova para aquele que é dela objeto"[1], isto é, serve de estímulo para o aprimoramento pessoal.

Apesar de termos tratado, aqui, principalmente das maldições, o mesmo vale para as bênçãos. Na resposta apresentada a Kardec, consta que "jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece"[1]. Assim sendo, da mesma forma que a maldição surtirá algum efeito apenas nos maus, a bênção também surtirá efeito naqueles que as merece, isto é, são passíveis de sentirem os efeitos benéficos em

decorrência das suas atitudes e postura. Contudo, é imperioso o entendimento que o merecedor em questões relacionadas com a ação da Providência não é aquele que faz por merecer, mas aquele que faz sem ter em mente qualquer tipo de recompensa e/ou merecimento.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Poder Oculto, Talismãs e Feiticeiros, Jornal Correio Espírita, outubro de 2020.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 557.
3. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. X.

OBS. Não houve publicação em dezembro 2020.

Janeiro de 2021

## **Missão dos Espíritas**

Em 2003 escrevemos um artigo intitulado “Pneumonia Asiática”[1] e, em 2014, reeditamos o texto sob título “Pneumonia Asiática e Outras”, dizendo que o primeiro continuava sendo atual com os então novos vírus: o da gripe suína e aviária.

Infelizmente, podemos dizer, sem medo de errar, que, ainda mais uma vez, continua atual, apesar de muitos pensarem que as dificuldades com o COVID19 serem sem precedentes.

Na década de 1980 o mundo viu surgir a AIDS, com o vírus HIV. Houve, então, grande repercussão nos meios de comunicação e discussões sobre as vias de contaminação, dentre elas, a relação sexual e uso coletivo de seringas, afetando uma parcela da população com características bem definidas, enquanto os outros acreditavam-se fora do “grupo de risco”. Contudo, com o passar do tempo, foi sendo observado o surgimento de casos neste grupo de pessoas em decorrência de certos desregramentos.

A espécie humana ocupa o topo da pirâmide evolutiva e se acredita como única detentora de inteligência e capacidade de raciocínio. Todavia, o uso não adequado do raciocínio para a solução de problemas demonstra a pouca eficácia no uso desta inteligência, encontrando “soluções” que não solucionam, mas, apenas, postergam o caos. No caso em questão, a AIDS, optou-se pelo uso de preservativos e seringas descartáveis, visando a manutenção da satisfação dos desejos, ao invés de condutas comportamentais mais adequadas. A transformação pessoal é trabalhosa e envolve grande dispêndio de energia.

Com o advento da Pneumonia Asiática a mídia apresentou as dificuldades de controle desta epidemia, cuja transmissão ocorre pelo contato e até mesmo pela simples aproximação. Naquela ocasião testemunhamos atônitos que foram instaladas, nas entradas de prédios, pias para lavar as mãos e, até mesmo, tapetes com água sanitária para limpeza das solas de sapatos, além do uso de máscaras pelos transeuntes nas ruas, cerceando e restringindo o relacionamento humano.

Um artigo foi publicado na revista Scientific American, com o sugestivo título Caught Off Guard (Pegos Desprevenidos em tradução livre)[2]. O artigo dizia que o vírus causador do novo tipo de pneumonia seria tão diferente dos outros tipos conhecidos que pertenceria a um novo grupo de vírus, com características novas daqueles já definidos.

Em 2019/2020 estamos em situação semelhante, será que podemos dizer que fomos pegos desprevenidos? O que fizemos durante o intervalo entre epidemias? Cuidamos da saúde, alimentação e exercícios físicos visando fortalecer o sistema imunológico e, com isso, dificultar a ação do vírus, contribuindo para a imunização de rebanho?

Nós, não apenas podemos, mas devemos contribuir para o bem estar geral. Cada um deve se perguntar o que faz e em que contribui para a saúde do planeta, ao invés de apenas se manifestar nas redes sociais sobre proteção disto e daquilo, como se fosse um grande feito, sem cumprir com a parte que lhe cabe.

Repetindo o que foi apresentado anteriormente: com a AIDS, optou-se pelo uso de preservativos e seringas descartáveis, visando a manutenção da satisfação dos desejos, ao invés de condutas comportamentais mais adequadas. Ao que tudo indica, nos mantemos no mesmo padrão, haja vista a

grande comoção em torno de uma vacina que ainda não existe para que possamos retornar ao mesmo estilo de vida.

Joanna de Ângelis diz que “Mantendo-se por muito tempo em incubação no organismo, os vírus permanecem inativos até que o seu hospedeiro emita ondas vibratórias que lhe vitalizam a organização, favorecendo-lhes a multiplicação devastadora, quase sem limite”[3].

Já em 2003, conforme consta no artigo mencionado [1], dissemos que "Pode-se também imaginar que existam muitos outros vírus e bactérias, inclusive formas mutantes, responsáveis por muitas outras patologias desconhecidas que ainda não se manifestaram, permanecendo em latência, até que haja um estímulo qualquer para que torne a atividade, isto é, que encontre campo propício para sua manifestação, campo este proporcionado pelo estado mental”.

Quantos de nós, na atual pandemia, contribuimos para o pânico generalizado, durante meses, prejudicando tanto a própria saúde física e mental quanto daqueles que nos ouviram e, depois, em setembro, fizemos campanha para valorização da vida? Ora, o pânico conduz ao aumento dos casos de suicídio. Porém, muitos que se comportaram desta forma acreditam ser grandes ativistas contra o suicídio.

Segundo divulgado no site Agência Brasil, dados de um estudo realizado pela UFRGS indicam que 80% da população reportaram sintomas moderados a graves de ansiedade, 68%, depressão, 65% dos entrevistados têm sentimento de raiva, 63% sintomas somáticos e 50% tiveram alteração do sono. São números alarmantes.

São estas pessoas que devemos esperar que aportem nas casas espíritas quando reabrirem. Para um atendimento adequado é fundamental que os cooperadores espíritas façam uma auto-análise visando identificar o estado da sua saúde

mental, se questionando sobre o comportamento pessoal durante a pandemia e se contribuíram ou não para a situação que agora se apresenta. Não podemos, de forma alguma, contribuir ainda mais com as dores de pessoas que necessitam de alento e não de compartilhar desarmonias.

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Pneumonia Asiática, <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12975583/o-aprendiz-n-6-cema>
2. Scientific American; Caught Off Guard, 2003.
3. Joanna de Ângelis; Dias Gloriosos, Cap. 6.
4. Agência Brasil; Pesquisa Revela Aumento da Ansiedade entre Brasileiros na Pandemia, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia>



Fevereiro de 2021

## Ocupação dos Espíritos

Uma das máximas do Espiritismo é que fora da caridade não há salvação. Contudo, é comum o entendimento do que seja a caridade como sendo a doação de insumos ou bens materiais e as atividades assistenciais. Esta, no entanto, pode ser a interpretação trivial, mas que é distinta da interpretação apresentada na Codificação Kardequiana.

As obras assistenciais em geral, não apenas as espíritas, analisam a efetividade de suas atividades considerando o número de pessoas atendidas, seja materialmente ou atendimento médico, jurídico, dentre outros. Independentemente da natureza da obra assistencial, seja religiosa, espírita ou governamental, a orientação de Jesus sobre que a mão esquerda não saiba o que dá a direita [1], deverá sempre prevalecer. A ideia de que qualquer coisa é válida para angariar fundos não deve prevalecer, pois, os fins não justificam os meios, especialmente na seara espírita.

A interpretação de caridade como doação material é tão forte que, aqueles que vivem em locais onde não há pessoas em necessidade, se questionam e põe em dúvida o processo evolutivo pessoal.

Para as casas espíritas particularmente, a avaliação da efetividade de suas atividades não deve ser o número de suprimentos doados, mas o número de consciências que foram libertas dos grilhões que as mantém presas em sofrimentos dos mais variados matizes e, como consequência, ligadas à um mundo na condição de provas e expiações como o planeta Terra. Nesta abordagem, a avaliação das práticas didáticas e

sua adequação à Codificação Kardequiana seria mais pertinente.

A busca do entendimento do significado da ocupação dos espíritos dá ensejo ao aprimoramento de todo um procedimento relacionado com as instituições e com nós mesmos enquanto espíritos.

Kardec, com sua costumeira lucidez, questiona quanto as incumbências dos espíritos, se há alguma coisa a mais que fazem ou, em alguns casos, que deveriam fazer além da busca do aprimoramento pessoal. Na resposta consta que nós, espíritos, concorreremos “para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus... A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades”[2].

Em geral, é comum considerar que apenas os espíritos elevados trabalham pela harmonia do Universo e que, estando em comunhão com o Pai, receberiam as orientações diretamente. Contudo, todos nós estamos em contato com o Pai, podemos não estar, de nossa parte, em comunhão, mas, ao menos em contato, todos nós estamos. Somos Criações suas. Porém, na resposta à pergunta se os espíritos inferiores desempenham função útil no Universo, consta que "todos têm deveres a cumprir"[3].

Portanto, todos nós contribuímos de alguma forma para a harmonia do Universo e temos deveres, independentemente se é um processo consciente ou não. Como para a grande maioria de nós a relação com o Pai é completamente inconsciente, tanto que se usa o termo “religar” em alusão a uma suposta ruptura, os "profetas" se fazem necessários. Assim, tivemos Jesus trazendo informação pertinente e, mais recentemente, temos o Espiritismo.

Como o Espiritismo foi trazido na forma de uma Codificação, isto é, livros cujos conteúdos estarão eternamente conosco, não podemos mais clamar por ignorância ou dificuldade de entendimento. Com isso, a responsabilidade na divulgação espírita aumenta consideravelmente quando comparado com os divulgadores dos ensinamentos de Jesus após sua desencarnação, pois, estes, se baseavam naquilo que estava disponível, isto é, relatos de terceiros que não necessariamente ouviram diretamente de Jesus.

O ditado popular diz que “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Podemos, desta forma, conceber que muito do que foi dito por Jesus se perdeu ou foi corrompido ao longo do tempo e, por isso, equívocos foram cometidos e perpetrados. Não é por acaso que consta na Codificação os seguintes alertas: "No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram"[4] e "Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é"[5]. O primeiro sob o nome do Espírito de Verdade e o segundo do João Evangelista.

Podemos perceber que as obras assistenciais, apesar de extremamente importantes e, quanto a isso, não há dúvidas, não contribuem para a harmonia do Universo em uma escala de tempo ampla. Ao contrário, porém, a libertação de consciências das amarras dos atavismos ultrapassados que teimam em nos manter em condição de torpor à realidade da existência corporal, conduzindo o indivíduo às mais variadas perturbações na busca dos prazeres e formas de saciar as necessidades dos sentidos físicos, com estímulos cada vez mais

intensos para a manutenção do torpor contribui, em muito, para a harmonia do Universo de forma duradoura.

Com relação a esta situação temos o seguinte alerta: “Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós”[6].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XIII.
2. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 558.
3. Ibidem; questão 559.
4. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI, item 5.
5. Ibidem; Cap. VIII, item 18.
6. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 402.

Março de 2021

## **Atribuição dos Espíritos**

No artigo intitulado Ocupação dos Espíritos [1], publicado neste jornal em fevereiro de 2021, constatamos, segundo análise da informação disponibilizada em O Livro dos Espíritos [2], que os espíritos se mantêm ocupados ao longo de sua existência, concorrendo “para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus”[3].

Na continuidade do estudo, também podemos constatar que os espíritos, ao longo de sua existência, não mantêm a mesma atribuição, isto é, não cumprem sempre a mesma tarefa, variando esta segundo circunstâncias e nível de aprimoramento pessoal. Considerando Deus a inteligência suprema, é fácil de entender que não poderia haver nas Leis alguma regra que “condenasse” o espírito à mesma atividade. Assim, podemos considerar que a existência do espírito é repleta de novidades e desafios, demandando sempre a busca de aprendizado e desenvolvimento de capacidades em diversas áreas.

O desenvolvimento de capacidades, sejam elas quais forem, na condição de desencarnado ou não, requer adquirir experiência e, para isso, é necessário vivenciar as mais diversas situações. Se, para o desenvolvimento em uma área específica, tal como na educação, um professor necessita anos no trato com alunos para ganhar experiência, podemos imaginar o processo para todas as áreas possíveis e imagináveis na seara de Deus.

Esta necessidade de vivenciar uma larga gama de situações visando o aprendizado e aprimoramento é apresentada na resposta concedida a Kardec que diz: “Todos temos que habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de

todas as coisas, presidindo sucessivamente ao que se efetua em todos os pontos do Universo.”[4].

Desta forma, todos os espíritos necessitam vivenciar as diversas situações para adquirir a experiência necessária. Contudo, é imperioso o entendimento de que é possível, e até mesmo desejado, aprender com os erros e equívocos cometidos pelos outros. Portanto, não devemos pensar que erros e equívocos são necessários para o aprendizado, mas, com a observação da relação entre causa e efeito no que concerne outros espíritos, podemos identificar o que seja adequado ou não.

O julgamento denota uma condenação e, por isso, não é uma prática apropriada segundo o ensinamento de Jesus que diz: "não julgueis, para não serdes julgados"[5]. Em contrapartida, a observação e análise das atitudes dos outros, sem condenação de qualquer tipo, mas apenas aplicando o observado, em teoria, para si mesmo com a subsequente avaliação se lhe cabe ou não tal comportamento, denota aprendizado.

O aprendizado em decorrência de erros e consequências pode ser alcançado sem a necessidade de passar pelas consequências em si. Portanto, um espírito para aprender sobre expiações não necessita ser compatível com esta condição, mas, em missão, poderá trabalhar com espíritos nesta condição, mesmo que seja nas tarefas mais simples ou, mesmo, pela observação.

Um ponto capital nesta questão é, com relação aos mundos de regeneração, a informação que se encontra na Codificação: "Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em

encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada”[6].

Neste segmento de texto, tem-se que o espírito, no processo de Criação, é dotado de faculdades para a prática do bem, sendo uma tendencia natural e mais básica a de fazer o bem. Todavia, em decorrência do livre arbítrio, há possibilidade de escolher, por razões ainda desconhecidas para nós, fazer o mal, dando ensejo ao surgimento do orgulho e do egoísmo, ou vice e versa. Isto, no entanto, não significa que todos seguem este caminho, pois, se “há os que sucumbem”[6], há os que não sucumbem.

Podemos concluir que aqueles que não sucumbem e nunca se encontrem na condição de expiação podem, ou devem, experienciar mundos de expiação para aprenderem a tratar/cuidar de espíritos nesta condição. Nestes casos, a presença destes espíritos em um mundo não compatível com a sua condição caracterizaria uma missão.

Portanto, nem todos que se encontram em um determinado mundo são compatíveis com ele. É importante ressaltar que nem todos os espíritos sucumbem ao orgulho e egoísmo e, por isso, processos de expiação não são comuns à todos, o que está em completo acordo com a Inteligência Suprema - Deus.

Outro ponto interessante é que, em geral, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas sonham com a aposentadoria ou alguma forma de ganho fácil, com o mínimo de trabalho, pois, esta atividade, assim como o estudo, são consideradas como sofrimento, sendo duas atividades que recebem muitas reclamações. Para espíritos evoluídos a realidade é outra, pois, não buscam o repouso absoluto, permanecem em atividade, trabalhando, e recebendo ordens diretas de Deus [7].

As ordens recebidas de Deus necessitam ser transmitidas ao universo inteiro pelos espíritos evoluídos [8]. Fica claro, então, o motivo pelo qual os espíritos, ao longo de seu processo evolutivo, necessitam adquirir experiência em todos os mundos, todas as condições, para que, quando alcançarem os patamares mais elevados, estejam aptos para cumprir a atribuição para qual trabalharam toda a existência: ser um preposto de Deus.

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Ocupação dos Espíritos, Jornal Correio Espírita, fevereiro de 2021.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos.
3. Ibidem; questão 558.
4. Ibidem; questão 560.
5. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. X.
6. Ibidem; Cap. III, item 16.
7. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 562.
8. Ibidem; questão 562a.



Abril 2021

## Missão dos Espíritos

Ao ouvirmos falar de espíritos missionários, logo vem a nossa mente Kardec, Léon Denis, Bezerra de Menezes, Chico Xavier dentre outros. Certamente são espíritos que realizaram, enquanto encarnado, trabalhos dignos de muita admiração. Isto porque costumamos pensar que “missão” seja uma tarefa grandiosa que um espírito deverá cumprir. Contudo, missão é missão e a importância desta ou daquela tarefa é relativa.

Podemos considerar uma comparação simples sobre a importância relativa das tarefas. Tomemos como primeiro exemplo a presidência de um país: Qual é a missão do presidente? - Conduzir um país. Como segundo exemplo, a faxina: Qual a missão do faxineiro da nossa casa espírita? - Limpar o ambiente.

Qual missão é mais importante, a do presidente ou do faxineiro? A resposta é que depende. Pois, enquanto cidadãos do país, creditamos maior importância à missão do presidente. Contudo, enquanto frequentadores da casa espírita, creditamos maior importância à missão do faxineiro, pois, necessitamos que a casa esteja limpa.

Na condução do país, o faxineiro não tem grande utilidade além de voto. Por outro lado, na manutenção de limpeza da casa espírita, o presidente não é de grande utilidade além de propiciar condição para o funcionamento do país. Em outras palavras, o faxineiro não atua diretamente na condução do país e o presidente não atua diretamente na limpeza da casa espírita.

Em suma, em um entendimento geral sobre missão, podemos dizer que todos somos missionários igualmente

importantes naquilo que nos cabe realizar. Pois, as missões dos espíritos estão relacionadas com o dever de todos nós em contribuir para o bem e avanço da humanidade, seja em qualquer condição que o espírito se encontre.

Kardec questiona a respeito da relação do espírito com sua missão. Em um desses questionamentos sobre as consideradas importantes, na nossa conceituação comum, Kardec deseja saber se foram predestinadas antes da encarnação e se eles mantêm a lembrança quando já na matéria [1].

A resposta é interessante no sentido de que a lembrança após a encarnação ocorre apenas algumas vezes, no geral, não há recordação, mesmo nos casos de missões consideradas importantes. Então, o espírito caminha na direção daquilo que lhe cabe cumprir ou em outra direção de acordo com os seus interesses, cabendo ao espírito, por exemplo, inibir algumas, ou muitas, das suas tendências e nisto está o livre arbítrio [1].

Questões importantes que precisamos ponderar a respeito é: Estamos inibindo nossas tendências menos nobres para dar ensejo à nossa missão enquanto encarnados? Precisamos ter missões grandiosas para merecer o esforço? O que seria uma missão grandiosa na nossa opinião? São perguntas que devemos nos fazer todos os dias e analisar nossas escolhas conscientemente.

Outro questionamento de Kardec a respeito deste tema é se tudo que o encarnado faz de útil está relacionado com a sua missão [2]. A resposta é muito importante e necessária para nossas reflexões e está transcrita a seguir:

“Nem tudo o que o homem faz resulta de missão a que tenha sido predestinado. Amiudadas vezes é o instrumento de que se serve um espírito para fazer que se execute uma coisa

que julga útil. Por exemplo, entende um espírito ser útil que se escreva um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura então o escritor mais apto a lhe compreender e executar o pensamento. Transmite-lhe a ideia do livro e o dirige na execução. Ora, esse escritor não veio à Terra com a missão de publicar tal obra. O mesmo ocorre com diversos trabalhos artísticos e muitas descobertas. Devemos acrescentar que, durante o sono corporal, o espírito encarnado se comunica diretamente com o espírito errante, entendendo-se os dois acerca da execução”[2].

Isto significa que podemos “criar” missões ao longo da encarnação. À partir do momento que desejamos ser úteis e nos esforçamos neste sentido, passamos a ser observados pelos espíritos bons que analisam as nossas potencialidades. Talvez não venhamos a escrever um livro ou uma descoberta qualquer, como os exemplos da resposta, mas certamente faremos coisas úteis, se serão pequenas ou grandes aos olhos comuns, na verdade, não importa.

Além disso, há uma grande vantagem nesta postura, que é a de afastar os espíritos equivocados que não ajudam e que prejudicam a nossa caminhada. Assim, o que poderia ser uma encarnação tranquila e proveitosa, passa a ser sofrida e sem proveito. Com isso, na encarnação seguinte será necessário vivenciar dificuldades para valorizar a existência corporal.

Um pensamento que vem à mente quando entramos em contato com a possibilidade da escolha de missões e provas é o de escolher as missões mais fáceis. Esta posição ocorre tão naturalmente à mente de um espírito ligado ao mundo de expiações e provas que ocorreu, até mesmo, a Kardec ao perguntar se não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas [3].

Os espíritos respondem que esta postura pode nos parecer enquanto encarnados, porém, não enquanto espíritos. “Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar”[3]. Precisamos, portanto, estar cientes de que, enquanto encarnados, não temos a visão ampla sobre as nossas reais necessidades, acreditando que o necessário seja apenas aquelas em acordo com a componente material da encarnação. A Doutrina Espírita vem nos esclarecer que a existência é muito mais ampla, pois, ao nos desligarmos da matéria, teremos melhor noção do que significa ser parte da Criação e trabalhar como tal.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 576.
2. Ibidem; questão 577.
3. Ibidem; questão 226.

Maio 2021

## Seres Animados e Inanimados

Olhando ao redor, nos deparamos com seres animados e seres inanimados. Temos a tendência em considerar os seres animados como sendo formados de algum elemento especial. Alguns acreditam, como já ouvi, que o corpo de Jesus era formado pela matéria mais pura do planeta.

Na abordagem espírita, matéria é matéria, não existe mais ou menos puro. A pureza ou impureza de um composto qualquer está relacionado apenas aos nossos interesses. Tomemos um diamante, por exemplo, uma pedra é denominada de pura ou não segundo o valor agregado, quanto menos elementos diversos do Carbono, mais cara é. Contudo, para o diamante, não faz a menor diferença, pois todos os elementos químicos existem no planeta, seja natural ou não.

Similarmente, a estrutura do nosso corpo, qualquer corpo, é formado por elementos químicos, todos existentes no planeta. Kardec é bem direto ao esclarecer a questão da natureza, por assim dizer, da matéria dos seres animados e inanimados: “Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata”[1].

Fica claro, portanto, que no sentido exclusivamente material não existe distinção entre a matéria que forma um da matéria que forma o outro. Contudo, Kardec deixa a ressalva que se trata apenas do corpo em si, seja mineral, vegetal ou animal.

A diferença entre o mineral dos outros reinos está na participação do princípio inteligente, que se utiliza

especialmente do elemento químico Carbono como base para a formação do corpo. O Carbono apresenta uma propriedade muito importante, que é a capacidade de formar longas cadeias de si mesmo, isto é, átomos de Carbono se ligam a outros átomos de Carbono, podendo chegar a moléculas muito longas [2]. Além disto, podem se ligar a outros elementos, aumentando enormemente as características e propriedades das moléculas orgânicas. Um bom exemplo é a tão conhecida molécula de DNA. Esta capacidade de formar diversos compostos químicos é tão específica e especial que foi criado um ramo da Química voltado para o seu estudo, a Química Orgânica, e os seus compostos são denominados de “moléculas orgânicas”.

Foi esta propriedade de formação de cadeia que Jesus, juntamente com seu trabalhadores, quando do surgimento de vida na Terra, selecionaram como a ferramenta mais adequada para a manifestação da vida na Terra [3].

Conforme consta em O Livro dos Espíritos, a matéria é a mesma para os corpos orgânicos e inorgânicos, mas que nos corpos orgânicos a matéria está animalizada [4]; em A Gênese tem-se: “Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital”[2].

Portanto, tratando apenas da componente material, há algo específico que caracteriza a matéria denominada de viva. Assim, nas cadeias de Carbono há a possibilidade de, em alguma forma, reter o princípio da vitalidade, ou seja, o fluido vital.

O fluido vital é um componente de natureza material que, juntamente com a matéria orgânica viabiliza a manifestação de espíritos na condição de encarnado. Este fluido também é um agente fundamental nas manifestações

físicas como as mesas girantes, movimentação de objetos, produção de sons, dentre outras. Importa ressaltar que este fluido não é inerente à cadeia de Carbono, pois, no corpo morto encontramos os variados compostos de carbono, mas, como não há fluido vital, não há mais vida.

Desta forma, vivo ou morto nada mais são do que estados da matéria, assim como água nos estados gasoso, líquido ou sólido (gelo). No caso da água, os fatores determinantes do estado em que se encontra são a temperatura e a pressão. No caso de vivo ou morto o fator determinante é a ausência ou presença de fluido vital. É importante a compreensão de que vivo e morto são características exclusivas da matéria, portanto, não deveria ser aplicada em qualquer outra situação.

Não existe o claro sem o escuro e vice-versa assim como não existe o imortal sem o mortal. Similarmente, não existe a vida sem a morte, portanto, considerar que o espírito tenha uma vida é uma análise material e conduz à equívocos, tais como a possibilidade de morte para o espírito. Além disso, atribuir qualidades da matéria para o espírito é o princípio básico do materialismo.

O que caracteriza o espírito e o distingue da matéria não é apenas a inteligência, mas ter uma existência intrínseca à sua própria natureza, independente de qualquer outra coisa que não seja o próprio Deus. Os átomos do mineral se mantêm agregados devido à forças específicas, sendo forças, podem ser rompidas por outra força ou processo, tal como a dissolução química de um mineral. No caso dos corpos vivos, na estrutura também atuam as forças atômicas e moleculares, porém, está sob a ação da inteligência que gerencia sua conformação, o que somente é possível com a presença do fluido vital.

Não conhecemos a natureza íntima do espírito, porém, podemos afirmar que “é alguma coisa”[5], pois “coisa nenhuma é o nada e o nada não existe”[5]. Além disso, o espírito não é um ser animado nem inanimado por não necessitar do fluido vital para sua existência que está diretamente relacionada ao Criador.

#### Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; A Gênese, Cap. X item 16.
2. Claudio C. Conti; O Átomo de Carbono, Jornal Correio Espírita, Abril de 2015.
3. Ibidem; Formação dos Seres Vivos, Jornal Correio Espírita, Outubro de 2014.
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 61.
5. Ibidem; questão 23a.



Junho 2021

## Os Minerais e as Plantas

O ponto em comum à tudo que conhecemos no nosso planeta é a matéria inerte, isto é, tanto os minerais quanto vegetais e animais são constituídos de elementos químicos que interagem entre si, com exceção dos denominados gases nobres, formando moléculas ou estruturas cristalinas.

Os gases nobres são exceção no que diz respeito a interação entre átomos, pois estes não interagem e, por isso, não formam moléculas ou estrutura cristalina. Contudo, são elementos químicos como todos os outros, apenas apresentam a última camada eletrônica completa.

Baseado nos elementos químicos e nas moléculas que formam, podemos identificar dois grandes grupos, os inorgânicos e os orgânicos. No grupo dos inorgânicos estão os minerais, enquanto no grupo dos orgânicos estão todos os outros, isto é, os vegetais e os animais. Há, contudo, outra forma de identificação, dividindo em minerais, vegetais e animais. São os três reinos. Enquanto na divisão em grupos, ou classes, os vegetais e animais estão juntos, nesta divisão pertencem à reinos distintos.

Segundo consta na Codificação Espírita, estas divisões são válidas para o nosso entendimento e dependem, como visto, do ponto de vista empregado na análise. Todavia, são categóricos no que concerne à questão moral, demonstrando que, na visão espiritual, esta é a que realmente importa e se divide em quatro graus: mineral, vegetal, animal e humano [1].

A palavra “moral” não deve, aqui, ser interpretada no sentido comum de um conjunto de valores, normas e noções sobre o que é certo ou errado, proibido e permitido, dentro de

uma determinada sociedade [2]. Tal entendimento somente pode ser aplicado ao ser humano. Por moral, no que concerne os graus referenciados pelos espíritos [1], deve-se entender como capacidade de discernimento sobre a própria existência e as consequências advindas. Assim, no mais alto grau, no caso o ser humano, melhor é o reconhecimento da própria individualidade e o discernimento entre o bem e o mal. Para os graus mais baixos, não há bem e mal, pois a vida é norteadada pelo instinto de sobrevivência.

Em nota à questão 585 de O Livro dos Espíritos, Kardec apresenta uma análise muito instrutiva [1]. No que concerne aos minerais e vegetais, tema deste texto, diz ele: “A matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade”.

É necessário ampliar o significado desta nota de Kardec para o aprimoramento do entendimento da vida no reino vegetal, enquanto ser que apresenta uma vitalidade. O reino mineral não possui vitalidade, portanto, não há vida.

Na questão 586, tem-se que as plantas não têm consciência de sua existência. Conforme colocado anteriormente, o grau mais elevado em termos morais para o padrão da Terra, o ser humano, possui o melhor reconhecimento de sua individualidade. Podemos, desta forma, compreender que, não tendo ao menos a consciência da sua individualidade, as plantas estariam no grau mais baixo da escala [3].

Além disso, consta ainda na mesma questão que as plantas têm apenas a vida orgânica [3]. Porém, esta afirmação carece de profundidade e surge um questionamento: Ter apenas a vida orgânica, não pensarem, significaria a ausência de um ser inteligente?

A resposta é apresentada parcialmente na questão 587, na qual Kardec pergunta se as plantas têm sensações, se sofrem quando mutiladas. A resposta para este questionamento é de que elas não têm percepções e, por isso, não sentem dor. Todavia, também consta na mesma resposta que “recebem as impressões físicas da ação sobre a matéria”[4].

Em decorrência desta afirmação, surge, naturalmente, outra pergunta: Quem recebe as impressões de uma ação sobre a matéria que constitui seu veículo material de expressão? Quando o assunto versa sobre recebimento de impressões físicas, isto é, de algum tipo de informação, nem que seja apenas o efeito de um corte nas folhas ou caule, está implícito algum tipo de inteligência.

Este questionamento foi apresentado por Kardec aos espíritos conforme consta na questão 590 que diz: “Não há nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que os leva a procurar aquilo que lhes pode ser útil e a fugir ao que lhes pode prejudicar?”[5].

A resposta não poderia ser mais conclusiva, apesar de ser apresentada com cautela por parte dos espíritos. Dizem eles que há, nas plantas, uma espécie de instinto, dependendo do que seja considerado como tal, é um processo mecânico de afinidade [5]. Por esta resposta, estabelecem uma distinção bem clara entre o que seria uma espécie de instinto do vegetal com o instinto propriamente dito dos animal que possui um caráter de consciência de si.

Ainda não há muita informação fidedigna disponível sobre as questões espirituais dos vegetais e dos animais. Todavia, há informação suficiente para que possamos tecer comentários e construir ideias a este respeito. No que tange este texto e a análise apresentada, podemos concluir pela presença de um ser espiritual nos vegetais. Deus não cria nada para

sofrer ou sentir “as impressões físicas da ação sobre a matéria” [4] sem uma finalidade útil, isto é, que possa ser aproveitado para a continuidade da existência nos moldes de um processo evolutivo, seja qual nível for. Além disso, Deus cria espíritos. Portanto, os seres espirituais presentes nos vegetais somente podem ser espíritos em condição evolutiva que nos falta meios de entendimento.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 585.
2. Brasil Escola; <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-moral.htm>
3. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 586.
4. Ibidem; 587.
5. Ibidem; 590.

Julho 2021

## Os Animais e os Humanos

Conforme abordado no artigo intitulado Os Minerais e os Vegetais [1], os três reinos - mineral, vegetal e animal - são válidos para diferenciação em termos de estrutura e função. Contudo, quando se analisa sob o ponto de vista de moral, pode-se dividir em quatro grandes grupos a saber: mineral, vegetal, animal e humano [2]. Importa salientar que, por moral, deve-se entender como a capacidade de discernimento sobre a própria existência e as consequências advindas.

Os humanos apresentam o mais alto grau de moral relativo ao planeta Terra, desta forma, possuem a consciência do eu e estão sujeitos à processos expiatórios. Os animais, por sua vez, sendo limitados no entendimento sobre a própria existência, possuem uma liberdade restrita às necessidades da vida material [3] e, por isso, não estão sujeitos à expiação em decorrência de seus atos [4].

Apesar desta característica tão marcante, o comportamento humano é tão discrepante com sua condição que fez com que Kardec perguntasse aos espíritos sobre a inteligência dos humanos e dos animais e, para deixar claro sua dúvida, inclui, na pergunta, o seguinte: “alguns animais mostram, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens”[5].

Na resposta apresentada pelos espíritos consta que o homem “desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto” e “pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos!”. Esta resposta deixa claro o motivo pelo qual Kardec e tantos outros se questionam sobre a natureza humana comparativamente aos animais.

Esta informação disponibilizada em O Livro dos Espíritos deve ser motivo de muita análise e ponderação para nós. Devemos nos questionar sempre à respeito do nosso próprio comportamento no sentido de identificarmos os momentos e situações em que nossos atos são equivalentes aos dos “brutos” ou que agimos como sendo mais baixos que eles. Porém, é preciso muita atenção, pois temos a tendência a não enxergar em nós faltas que consideramos como abjetas, mascarando a análise sobre nós mesmos e o autoconhecimento.

O orgulho nos faz acreditar que estamos muito acima dos animais. Em termos de inteligência, esta assertiva pode ser exata, contudo, em termos morais, na acepção comum do termo, não é bem assim. Temos comportamentos, muitas vezes, semelhantes, quando não piores em termos de violência e outros. Assim, podemos considerar que estamos mais próximos da animalidade do que da angelitude, evolutivamente falando.

Esta consideração de estarmos próximos da animalidade requer uma análise mais cuidadosa de algumas questões constantes em O Livro dos Espíritos.

Na questão 587 [6] consta a informação de que há, nos animais, um princípio que independe da matéria, princípio este que apresenta inteligência e liberdade de ação, embora limitada. Além disso, este mesmo princípio, por ser independente da matéria, sobrevive à morte do corpo físico.

Temos, ainda, na questão 587a [7] que o princípio que independe da matéria não deixa de ser uma alma, inferior àquela que há no humano. Nesta resposta, os espíritos apresentam uma forma de mensuração, se é que podemos usar esta terminologia, sobre a diferença, em termos evolutivos, entre a alma existente nos animais daquela existente nos humanos. Dizem eles que esta diferença é equivalente a existente entre o humano e Deus.

Se considerarmos esta colocação em termos absolutos, significaria que nós, humanos, estaríamos como que no meio do caminho entre os animais e Deus, portanto, a meio caminho do nosso próprio processo evolutivo e, com isso, a afirmação apresentada anteriormente, aquela de estarmos próximos da animalidade, estaria, portanto, equivocada.

Contudo, o tema demanda análise mais cuidadosa.

Primeiramente, o homem nunca chegará a ser Deus. Caso a alma que existe nos animais nunca chegasse à condição humana, Deus haveria criado seres especiais, a alma nos humanos, o que contraria a bondade e justiça Divinas. Assim, a questão 587a [7] não pode ser analisada em termos absolutos, mas relativos.

Em segundo lugar, na questão 603 [8], consta que, para os animais, o humano é um deus. Vemos, desta forma, que a mensuração tendo Deus como referência é meramente ilustrativa para fornecer material de análise para seres, no caso os humanos na Terra, com capacidade limitada de entendimento. Também consta na resposta à questão 603 [8], que nós, humanos, já consideramos os espíritos como sendo deuses. Todavia, o conceito de Deus é altamente complexo para o nosso entendimento e que os vários conceitos a este respeito são confusos e conflitantes ao ponto de um povo entrar em guerra com outro por divergências relacionadas aos conceitos de Deus.

Em resumo temos que, para os animais, somos deuses; para os humanos há uma diversidade de conceitos de Deus, demonstrando a limitação do entendimento. Portanto, similarmente aos animais, não entendemos a divindade.

A análise apresentada neste texto é de cunho geral, pois, da mesma forma que há animais que não interagem com o humano e, por isso, não podem ser incluídos nesta análise,

também há humanos cujo entendimento da divindade é muito profundo e, também, não podem ser aqui incluídos.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita, Junho 2021.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 585.
3. Ibidem; questão 595.
4. Ibidem; questão 602.
5. Ibidem; questão 592.
6. Ibidem; questão 587.
7. Ibidem; questão 587a.
8. Ibidem; questão 603.



Agosto 2021

## Os Animais

Muitas são as dúvidas com relação ao animais na questão espiritual. Contudo, é preciso avaliar se parte destas dúvidas não seriam decorrentes do orgulho e interesses pessoais. O orgulho faz com que nos consideremos acima das demais criaturas e, nos casos graves, acima dos próprios semelhantes. O interesse pessoal, por sua vez, impõem barreiras mentais para a adequada avaliação, pois, com o reconhecimento da igualdade de todos os seres da Criação perante o próprio Criador, ficaria patente a inadequação da exploração daqueles que são considerados como “inferiores”.

Como todos os seres estão relacionados com o Criador, é fundamental entendê-lo no limite da nossa capacidade. Não é por acaso que Kardec dedicou um capítulo do livro A Gênese [1] para uma análise profunda da Divindade, principalmente a natureza e características divina. Dentre as características de Deus estariam a infinita bondade e justiça. Por serem ambas qualidades em grau máximo que podemos conceber, devem ser válidas para com todos os seres da Criação, sem exceção.

Nesta abordagem, Kardec apresenta um questionamento muito importante ao perguntar se “após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma” [2]. Devemos observar que, neste questionamento, Kardec faz duas perguntas, a primeira com relação à individualidade e a segunda com relação à consciência de si.

Para duas perguntas, tem-se duas respostas: “Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente” [2].

Assim, como existe uma individualidade que se mantém após a morte do corpo físico, tem-se que há um ser espiritual que se manifesta em corpos de animais, constituindo uma unidade distinta para cada um, com características e particularidades distintas. Além disso, estes seres espirituais também são inteligentes, apesar da inteligência se encontrar em estado latente.

É preciso ressaltar que, muitas vezes, a palavra “latente” não é interpretada no sentido correto. Segundo o dicionário, esta palavra significa algo que esteja oculto, não aparente, e que não se manifesta exteriormente [3]. Diz-se, por exemplo, que uma enfermidade está latente quando não apresenta sintomas aparentes, isto é, a doença existe e precisa ser tratada.

A palavra “latente” não significa algo que pode ser desenvolvido, mas que já existe, porém, de forma velada. Portanto, a inteligência nos animais existe, são seres inteligentes. Apenas para fins de entendimento, um espírito na condição humana com uma enfermidade no cérebro pode ter obliterada a livre manifestação da inteligência que, assim, permaneceria em estado latente.

Duas grandes questões que surgem são: 1. Quão inteligentes são os seres espirituais que se manifestam como animais? e; 2. Como esta inteligência deixa de ser latente para ser manifesta?

A primeira questão demanda uma mudança de paradigma sobre o processo evolutivo em termos espirituais em si e sobre a ação dos espíritos na construção do mundo em que habitarão. A segunda questão, por sua vez, versa sobre o processo evolutivo da inteligência na sua expressão na matéria e esta será a abordagem na continuidade deste texto.

A essência da inteligência no animal e da inteligência no humano procedem da mesma fonte, por assim dizer, do

elemento inteligente universal [4,5]. Todavia, no humano “passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal” [5], ou seja, a inteligência deixou de ser latente para ser manifesta, tal como a reencarnação de um espírito “humano” com uma enfermidade que inibe a livre manifestação da potencialidade intelectual.

Após a condição do planeta viabilizar a vida orgânica, surgiram os seres vegetais e animais, seres que nós sequer chegamos a conhecer enquanto vivos, animais que apenas sabemos que pisaram neste solo pelos restos dos seus corpos que se transformaram em fósseis. Uma quantidade impressionante de espécies completamente extintas. O que será que aconteceu com os seres inteligentes, ou, para usar a mesma linguagem de Kardec, a alma dos animais que neles habitavam?

Em termos do ser inteligente, se cães forem sempre cães, dinossauros seriam sempre dinossauros, portanto, teriam um fim, o que não estaria em acordo com a infinita bondade e justiça de Deus. A razão nos diz que há uma continuidade para os animais. Os seres inteligentes dos dinossauros, por exemplo, precisaram mudar a forma de se manifestarem na matéria, isto é, utilizaram outras espécies de animais.

Diante destas ponderações, podemos chegar a algumas conclusões: 1. As espécies animais, materialmente falando, não se alteram significativamente; 2. As almas dos animais não tem um fim, o que está em acordo com a bondade divina; 3. As almas dos animais não permanecem sempre na mesma espécie e; 4. Há uma finalidade providencial para a existência dos animais.

Podemos, então, dizer que no exemplo do humano com enfermidade que inibe a livre manifestação do intelecto, uma reencarnação é a “elaboração” para liberar o intelecto,

enquanto no caso dos animais a “elaboração” consiste em múltiplas reencarnações.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; A Gênese, Cap. II.
2. \_\_\_ ; O Livro dos Espíritos, questão 598.
3. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/latente> [consultado em 12-07-2021].
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 606.
5. Ibidem; questão 606a.

Setembro 2021

## O Sofrimento nos Animais

Há, nos animais, um ser espiritual, isto significa que uma essência inteligente se manifesta em um corpo orgânico constituído de células, sangue e órgãos como nos organismos humanos. Assim sendo, os animais utilizam órgãos sensoriais na interação com a matéria, ao menos nos animais de classes mais elevadas, os sentidos são semelhantes aos humanos e, também, compartilham muitas das sensações, tais como satisfação quando as necessidades materiais são saciadas, felicidade e tristeza.

Analisando nossos próprios sentimentos, sabedores que compartilhamos muito com os animais, podemos compreender que eles também sofrem pelos mais variados motivos. Dentre aqueles que convivem com o homem, ademais das dificuldades inerentes à vida na matéria, muitos sofrem por maus tratos.

Apesar deste convívio próximo com os animais, os humanos negligenciam uma verdade que não querem ver: o sofrimento nos animais. Este é um ponto que frequentemente permeia a nossa mente e, devido à falta de compreensão, surge, naturalmente, mesmo que encoberto pela cegueira do não querer ver, um questionamento sobre a bondade infinita de Deus.

Afinal, por que sofrem os animais?

No intuito de aprimorar o entendimento nesta questão de grave importância é necessário lembrarmos que: 1) O espírito é criado simples e ignorante; 2) A evolução consiste na estruturação mental; 3) As fases vegetal e animal são os primeiros passos [1,2] e; 4) A evolução demanda a aquisição de experiências para o aprendizado e aprimoramento.

O espírito conhecido como Santo Agostinho, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, em comunicação apresentada no capítulo intitulado O Mal e o Remédio [3], diz o seguinte:

“A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos pergunteis, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição”.

“O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele crêem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo, que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.”

Segundo esta colocação de Santo Agostinho, mesmo no nível evolutivo em que nos encontramos, humanos ligados à um mundo de expiações e provas, muitas vezes, dependendo de como o espírito suporta suas dores, isto é, suportando bem as dificuldades encontradas durante sua encarnação, poderá se libertar do corpo físico durante o período de agonia: o corpo se contorce, mas o espírito não.

Ainda na mensagem transcrita, não fica claro se estes momentos de convulsões seriam durante o processo de

desencarnação ou não. Devemos, então, considerar a possibilidade do espírito sujeito à processos expiatórios se libertar, portanto, não vivenciar sofrimentos profundos, mesmo durante a encarnação.

Se Deus, em Suas Leis, possibilita que o sofrimento seja minimizado mesmo entre espíritos sujeitos a expiações e provas, o que dizer dos animais que, segundo o O Livro dos Espíritos, não estão sujeitos à expiação [4]?

Assim, surgem alguns questionamentos, tais como por que sofrem, o grau de percepção do sofrimento nos animais e se seria equivalente a do humano.

Ainda não sabemos as respostas exatas para estas considerações e tantas outras relativas à questão espiritual dos animais, especialmente porque, mesmo entre humanos, a percepção do sofrimento é relativa. Como disse Santo Agostinho, “aquele que crê é forte pelo remédio da fê e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido”, portanto, maior o sofrimento para um mesmo evento. Todavia, devemos inferir que, evitando ou minimizando o sofrimento de qualquer ser da Criação, animais inclusive, estamos evitando ou minimizando nosso próprio sofrimento.

Independentemente de qualquer dúvida que tenhamos, podemos afirmar que Deus é Pai de todos, seja vegetal, animal ou humano.

Porém, é preciso ficar claro que nada isenta o ser humano do respeito e dos cuidados devidos com os denominados seres inferiores da criação, animais e vegetais, nem dos comprometimentos decorrentes com o desrespeito para com estes seres. Devemos lembrar que os animais podem não estar sujeitos à expiação, mas os humanos sim.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 607.
2. Ibidem; questão 607a.
3. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, Item 19.
4. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 602.



Outubro 2021

## Origem do Sofrimento - Parte I

A questão do sofrimento ocupa a mente de grande parte da população desde longa data. Muitos se detêm no receio enquanto outros, os pensadores, tentam desvendar os seus mistérios. Dentre os últimos é preciso ressaltar o Príncipe Siddhartha Gautama, mais conhecido como o Primeiro Buda.

Siddhartha Gautama nasceu na fronteira entre a Índia e o Nepal em torno de 2500 anos atrás. A história da vida do Príncipe é muito interessante e rica, especialmente no que tange sua busca pelo entendimento do sofrimento. Consta que ele vivia em um palácio protegido do mundo exterior até que, um dia, pôde observar o sofrimento em variados matizes na população e foi tocado por profunda compaixão. Assim, partiu em busca de respostas para os seus questionamentos no anseio de esclarecer os outros.

Nesta aventura, Siddhartha estudou com gurus da sua época, todavia, em sua opinião, os ensinamentos não estavam completos. Dedicou-se, então, a uma vida das mais austeras privações, juntamente com outras pessoas que havia encontrado pelo caminho e que compartilhavam do mesmo pensamento com relação às privações. Sidarta pôde, assim, experimentar a vida nas condições mais extremas: luxo e prosperidade de um lado, necessidade e privação do outro. Nenhum dos dois estados o conduziu à compreensão daquilo que buscava.

Tendo se convencido de que aquele caminho não o conduziria ao que desejava, decidiu comer, beber e lavou-se em rio próximo. Neste momento, os seus seguidores o abandonaram pensando que havia desistido de seu intento. Fez,

então, a coisa mais sensata que poderia fazer: sentou-se para pensar.

Durante vários dias Siddhartha permaneceu, sentado, debaixo de uma árvore, meditando sobre tudo o que ocorrera na sua vida. Durante aquele período, seus pensamentos não se mantiveram apenas limitado na sua presente existência, suas recordações retroagiram para muito antes do seu nascimento, ele tomou conhecimento de suas vidas pretéritas e as conexões existentes no universo inteiro.

Ao despertar do transe, ele se tornou Buda, O Iluminado, e, assim, iniciou seus ensinamentos com o sermão que ficou conhecido como As Quatro Nobres Verdades.

Na Primeira Nobre Verdade fica claro que o sofrimento é decorrente da postura pessoal diante dos fatos comuns da vida [1].

Joanna de Ângelis (espírito) analisa As Quatro Nobres Verdades no livro intitulado Plenitude [1,2], onde resume as reflexões de Buda sobre o sofrimento em três formas diferentes: sofrimento que causa sofrimento, sofrimento da impermanência e sofrimento dos condicionamentos.

Na Segunda Nobre Verdade encontra-se uma explicação da origem do sofrimento, que é o apego às coisas e o desejo desenfreado [1].

Joanna de Ângelis, por sua vez, expõe com grande clareza o sofrimento sendo de duas ordens: cármicas e emoções perturbadoras, incluindo o desejo [1,2].

Na Terceira Nobre Verdade, Buda esclarece que o sofrimento pode ter um fim, não é inerente ao ser, nós somos os responsáveis pela sua existência [1].

Na Quarta Nobre Verdade apresenta o caminho para a cessação do sofrimento através da conscientização de que a causa está em nós mesmos, assim como as ferramentas

necessárias para a felicidade: percepção correta dos ensinamentos anteriores; intenção verdadeira de trilhar o caminho correto; oratória digna ao se comunicar; comportamento sadio em qualquer situação; trabalho honesto; força de vontade para não desviar do caminho e; mente saudável [1].

Em suma, decorrente de processos mentais em desalinho, o sofrimento somente terá um fim definitivo quando o reajustamento mental se fizer firme e seguro, através da disciplina do pensamento e de hábitos. Possuidor de comportamento atávico, será necessário que o indivíduo tenha a vontade firme no propósito de sua regeneração e o correto exercício para atingir o intento [1].

Carl G. Jung, psiquiatra suíço considerado o “Pai da Psicologia Analítica”, em seu estudo sobre o que definiu de “A Sombra”, diz que o conhecimento do conteúdo deste arquétipo é essencial para o auto-conhecimento, que apresenta uma natureza terapêutica, contudo, requer trabalho árduo e demanda muito tempo [3].

Pode-se observar que o caminho não é fácil, pois, estamos falando de uma longa jornada.

A Doutrina Espírita em sua totalidade pode ser considerada como outro “pensador” sobre a questão do sofrimento, trazendo esclarecimentos profundos. Contudo, é imperioso ter em mente a primeira das ferramentas apresentadas na Quarta Nobre Verdade: percepção correta dos ensinamentos anteriores. Assim, torna-se fundamental considerar a totalidade dos ensinamentos trazidos pela Doutrina Espírita em nossas análises acerca de um ponto qualquer.

Encontra-se na Codificação Espírita a informação de que a Lei de Deus é a única verdadeira para a felicidade do

homem [4]. Além disso, ainda consta que o humano “só é infeliz quando dela se afasta” [4].

Um ponto chave que requer análise é: O que significa se “afastar” da Lei de Deus? É possível se afastar da Lei ou demanda uma percepção correta dos ensinamentos anteriores? O verbo “afastar” foi utilizado corretamente na tradução? Uma análise mais detalhada será apresentada na Parte II deste texto em próxima edição do Jornal Correio Espírita.

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Reprogramação Mental, <https://www.ccontenti.com/Livros.htm>
2. Joanna de Ângelis (Divaldo P. Franco); Plenitude.
3. Carl G. Jung; C. G.; AION - Estudo Sobre o simbolismo do Si-Mesmo.
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Edição FEB, questão 614.

Novembro 2021

## Origem do Sofrimento - Parte II

Na primeira parte do texto Origem do Sofrimento [1] vimos as Quatro Nobres Verdades apresentadas por Buda, sendo que, pela Primeira Nobre Verdade, conclui-se que a causa do sofrimento é a nossa postura pessoal diante dos fatos comuns da vida [2].

Vimos, também, a posição de Joanna de Ângelis (espírito) ao apresentar o sofrimento em três formas: sofrimento que causa sofrimento, sofrimento da impermanência e sofrimento dos condicionamentos [3]. Na análise apresentada neste texto, podemos considerar as duas primeiras formas como variações da terceira. Desta forma, temos que o sofrimento é decorrente da nossa postura que, por sua vez, é consequência dos nossos condicionamentos.

Novamente, segundo Buda, na Quarta Nobre Verdade, para o sofrimento ter um fim é preciso a conscientização de sua causa. As causas, conforme este estudo, foram apresentadas no parágrafo anterior, isto é, nossa postura e condicionamentos. Contudo, isso não basta, pois, ainda segundo Buda, é necessário utilizar as ferramentas necessárias e que foram apresentadas no texto Origem do Sofrimento - Parte I [1]. Dentre elas, a primeira - percepção correta dos ensinamentos - será debatida à luz da Doutrina Espírita por estar relacionada, para os espíritas, com as Leis de Deus, pois, o ser humano “só é infeliz quando dela se afasta” [4].

Alguns questionamentos surgem naturalmente: É possível se afastar da Lei de Deus? O que significa se “afastar” da Lei? Ficamos abandonados ou submetidos à outra lei? De quem seria esta outra lei, do demônio? Existe uma “lei do

sofrimento” em oposição a “Lei de Amor”? O verbo “afastar” foi utilizado corretamente na tradução de O Livro dos Espíritos? Ou será que há necessidade de uma percepção correta dos ensinamentos apresentados na Codificação?

Sendo Deus único e onipotente, não haveria nenhum outro que poderia derogar Suas Leis ou manter uma outra lei equivalente. Assim sendo, não é possível se afastar, isto é, se manter fora do alcance da Lei. É preciso, portanto, interpretar o que se deseja dizer com a palavra “afastar” e não considerar o seu significado literal.

Na versão em francês e na tradução para o português é utilizada a palavra “afastar” na resposta à questão 614 de O Livro dos Espíritos [4]. Todavia, encontramos na tradução para o inglês a substituição pela palavra “desobedece”, tomando a seguinte construção em tradução livre, temos: “A Lei Natural é a Lei de Deus. É a única regra que garante a felicidade do homem, pois mostra a ele o que ele deve ou não deve fazer, e ele só sofre porque a desobedece”.

Ao se considerar que não é possível se afastar das Leis, mas desobedecê-las, haverá consequências cabíveis segundo o grau de desobediência, por assim dizer. Esta interpretação é a mesma aplicada às leis humanas. Estando em um país, estamos todos sujeitos às leis, ao infringir uma delas, surgem consequências proporcionalmente à infração.

Kardec, em sua análise, diz que “nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado Dele. Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulgos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo” [5], e que

“para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem Nele” [5].

Léon Denis aborda esta questão ao dizer que “essa lei imutável é, antes de tudo, uma lei de equilíbrio. Estabelece a ordem no mundo moral... Seu mecanismo é, ao mesmo tempo, simples e grande. Todo mal se resgata pela dor. O que o homem faz de acordo com a lei do bem lhe proporciona tranquilidade e contribui para sua elevação; toda violação provoca sofrimento” [6].

Em contraposição a lei do bem podemos conceber a lei do equívoco que estabelece as consequências para aqueles que infringem a lei do bem visando a recondução à mesma. A lei do bem serviria àqueles alinhados com a finalidade da Criação, conduzindo à felicidade. Em contrapartida, a lei do equívoco serviria àqueles não alinhados com a finalidade da Criação, conduzindo ao sofrimento. Assim, temos: Lei Divina = Lei do Bem + Lei do Equívoco.

Devemos entender que Lei de Deus é a Lei do Amor de Deus para com as criaturas, não é lei de fazer o que deseja sem consequências nem, tampouco, uma expectativa por parte de Deus de fazermos apenas o bem, agindo com amor para com o próximo.

Sendo a Lei de Amor de Deus para com as criaturas e, também, perfeita, deve considerar a intenção das criaturas, o que as motiva ao agir desta ou daquela forma. É preciso, portanto, haver uma distinção entre equívoco, decorrente da ignorância, e mal.

Recorrendo a Léon Denis, encontramos a seguinte informação: “Os nossos atos e pensamentos traduzem-se em

movimentos vibratórios e seu foco de emissão, pela repetição frequente dos mesmos atos e pensamentos, transforma-se, pouco a pouco, em poderoso gerador do bem ou do mal” [6]. A distinção entre equívoco e mal está na frequência dos atos e/ou pensamentos. O equívoco é decorrente da ignorância, enquanto o mal é a repetição do equívoco (teimosia).

As consequências surgem visando redirecionar o espírito em falta. Ainda nas palavras de Léon Denis temos: “As vibrações de seus atos, de seus pensamentos maus, depois de haverem efetuado sua trajetória, voltam a ele, mais cedo ou mais tarde, oprimem-no e apertam-no na necessidade de reformar-se” [6].

Similarmente ao equívoco, o bem sempre retorna àquele que o faz, dependendo, também, da frequência dos atos e pensamentos: “O espírito ilumina-se a cada pensamento altruísta, a cada impulso de solidariedade e de amor puro. Se esses pensamentos e atos se repetem, se multiplicam, se acumulam, o homem acha-se como que transformado ao sair de sua existência terrestre; a alma e seu invólucro fluídico terão adquirido um poder de radiação mais intenso”[6].

O entendimento, mesmo que acanhado, sobre a Lei de Deus viabiliza uma existência menos sofrida e, conseqüentemente, mais proveitosa para o espírito, seja encarnado ou não.

#### Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Jornal Correio Espírita, outubro 2021.
2. \_\_\_\_: Reprogramação Mental, <https://www.ccontenti.com/Livros.htm>



3. Joanna de Ângelis (Divaldo P. Franco); Plenitude.
4. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Edição FEB, questão 614.
5. \_\_\_; A Gênese, Cap. II, item 24.
6. Léon Denis; O Problema do Ser e do Destino, Cap. XIX.

Dezembro 2021

## **Leis de Deus - Eternas e Imutáveis**

As leis humanas visam reger o convívio em sociedade de forma organizada e respeitosa aos direitos individuais. Contudo, estamos acostumados a ver, no mundo em que vivemos, que dentre os legisladores, eleitos pelo povo e responsáveis pela elaboração destas leis, muitos não se sentem, equivocadamente, no dever de cumpri-las. Além disso, as leis são falhas em muitos pontos, dando margem as diferentes interpretações e, assim, há pessoas que buscam estas falhas para se beneficiarem. Podemos considerar que as leis humanas refletem a própria natureza da sociedade.

As Leis Divinas, por sua vez, também refletem a natureza daquele mesmo que as elaborou, por assim dizer. Caso Deus se achasse acima das Leis por Ele criadas e as violasse ou seria para contornar uma falha ou para infringi-las, com isso, o próprio Deus não seria perfeito e, tampouco, as Suas Leis. Em suma, não seria Deus.

Portanto, diferentemente do que ocorre entre os humanos, estas Leis são seguidas inclusive pelo seu Criador, ou seja, pelo próprio Deus. Este entendimento parte da lógica de que Deus é perfeito e tudo que faz compartilha deste atributo, desta forma, Suas Leis são perfeitas. Além disso, ninguém as pode infringir por não serem escritas e/ou interpretadas, mas por se encontrarem no próprio ser, fazendo parte da sua essência.

Estamos acostumados a pensar que leis precisam ser escritas para serem consultadas e postas em ação, tal como as leis humanas, tanto que Kardec apresenta um questionamento sobre onde as Leis de Deus estariam escritas [1]. Mas, não

necessariamente é assim. As leis da física estão sempre em ação e não foram escritas para serem seguidas e/ou consultadas, elas fazem parte da própria constituição do universo conhecido, regendo todos os fenômenos. Muitas destas leis foram interpretadas por pensadores e cientistas e, hoje, são conhecidas e transcritas em formulação matemática.

A ação da gravidade entre a Terra e a Lua, por exemplo, não consulta um código de lei para saber como agir, é inerente ao processo da própria existência e da interação entre corpos. Similarmente, as Leis de Deus não são consultadas em um código para se saber como agir, é inerente ao processo da existência e interação entre espíritos.

Houve, entre os encarnados, aqueles que trouxeram informação a respeito das Leis de Deus, seja por interpretação pessoal, assim como os cientistas com relação as leis que regem o universo conhecido, ou de informação acessível. Podemos, como exemplo, citar Jesus, o principal divulgador destas Leis para o mundo ocidental, os filósofos Sócrates e Platão e o príncipe Sidarta Gautama que se tornou o primeiro Buda. Mais recentemente, estas Leis foram apresentadas de forma mais completa e detalhada por uma coletividade de espíritos desencarnados e que foram transcritas e comentadas pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, na forma de uma codificação - a Doutrina Espírita.

Importa, contudo, ressaltar que os exemplos citados correspondem apenas as Leis relativas à condição de expiações e provas. Isto, no entanto, não significa que haja uma diversidade de Leis, mas um único conjunto que abrange todos os níveis evolutivos. Isto fica muito claro quando Kardec perguntou se as Leis seriam as mesmas para todos, ao que obteve como resposta que “a razão está a dizer que devem ser

apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam”[2].

O fato de Deus ser perfeito e suas Leis imutáveis é de fundamental importância para a própria existência dos espíritos e por esta existência não ter um fim [3].

Nós, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas, estamos acostumados a mudar de opinião e alterar o que foi feito ou construído. A história demonstra que, em decorrência desta fragilidade emocional/intelectual, vivemos em meio a uma grande instabilidade econômica e política, dentre outros, o que nos deixa vulneráveis em muitos sentidos, pondo em risco a própria vida individual, de um grupo e, até mesmo, por mais bizarro que pareça, de uma população.

A humanidade vivencia guerras sem fim, seja no âmbito mundial, como nas Duas Grandes Guerras, ou local. Durante décadas vivemos sob o guante da denominada Guerra Fria, uma situação de iminente ataque nuclear capaz de devastar grande parte do planeta, se não todo. A insanidade humana é de tal monta que um indivíduo pode dominar um país, levando ao caos e à morte, insanidade tanto do próprio indivíduo quanto daqueles que permitem que isso aconteça.

Nós, de alguma forma e por algum motivo, perdemos a certeza da perfeição e imutabilidade do Criador e passamos de encarnação em encarnação temendo algo que sequer existe, a morte.

Deus não muda de opinião e não altera ou destrói o que Criou, portanto, nós, espíritos, existimos independentemente de qualquer outro motivo. Vida e morte se referem à matéria, portanto, não devemos dizer que espírito é imortal, pois não pode ser comparado com o que é mortal. Fazendo justiça ao que conseguimos conceber sobre a natureza de Deus, somente podemos dizer que o espírito existe, o que deveria ser

suficiente para conduzirmos a encarnação com tranquilidade e respeito para com todos.

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 621.
2. Ibidem; questão 618.
3. Ibidem; questão 615.

Janeiro 2022

## **Processos para Compreensão das Leis de Deus**

Em artigo publicado no Jornal Correio Espírita [1], foi visto que as Leis Divinas refletem a natureza daquele mesmo que as elaborou, ou seja, de Deus. Desta forma, podemos considerar que os processos para a compreensão destas Leis devem ser tão naturais quanto elas próprias, bastando intenção e boa vontade.

Isto fica muito claro na resposta ao questionamento de Kardec com relação à possibilidade de todos terem o conhecimento destas Leis. Na resposta, foi dito que “todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem”[2]. Assim, é imperioso a dedicação ao estudo e a observação destas Leis em ação.

Podemos, então, reconhecer que o primeiro processo possível para a compreensão das Leis de Deus é a prática de boas ações e dedicação à justiça nas mais variadas formas. O segundo processo é através do estudo e investigação destas Leis, o que, forçosa e naturalmente conduzirá ao aprimoramento pessoal. Aqueles que se dedicam a estes dois processos conduzirão suas vidas de forma proveitosa, trazendo benefícios para a evolução espiritual e se encontrarão em situação adequada no pós-morte.

Contudo, não são estes os únicos processos possíveis, pois é importante ter em mente que ninguém pode se furtar de compreender as Leis, por serem estas fundamentais para a evolução espiritual. Pois, na continuação da resposta mencionada anteriormente, tem-se que “todos, entretanto, a

compreenderão um dia, porquanto forçoso é que o progresso se efetue”[2].

É interessante notar que, segundo estas Leis, ninguém tem a possibilidade de se manter em uma determinada condição mental e comportamental indefinidamente, por mais confortável que possa lhe parecer. Devido ao fato das Leis Divinas refletirem a natureza de Deus, isto é, a perfeição, aliada à outro fato, que é o livre-arbítrio, consideram todas as intenções, atos e decisões possíveis tomadas pelos espíritos que estão submetidos a Elas.

Ainda por refletirem a natureza de Deus, a única coisa, por assim dizer, que é vetado, é a prática do mal indefinidamente sem consequências. Assim como repercute no próprio indivíduo o bem que faça, também há repercussão do mal que faz e o espírito se cansa das consequências dos seus atos.

Temos, desta forma, o terceiro processo de aprendizado das Leis, ou seja a repercussão no próprio ser tanto do bem quanto do mal que faz. Na perfeição destas Leis, até mesmo na prática do mal, seja em que intensidade for, há mecanismos inerentes que fazem com que o indivíduo aprimore o seu entendimento.

Conforme apresentado, os três processos de aprendizado das Leis demandam algum tipo de esforço pessoal para que o processo possa ser incorporado ao ser. O esforço, contudo, é proporcional ao proveito mais ou menos rápido dos benefícios.

Assim, a prática do bem demanda mais esforço do que o estudo e investigação destas Leis, por ser um combate direto ao orgulho e egoísmo.

O estudo e investigação destas Leis demanda mais esforço do que a repercussão no próprio ser tanto do bem

quanto to mal que faz, por ser intencional o aprendizado e necessitar de pesquisa e busca por respostas.

Por sua vez, a repercussão no próprio ser tanto do bem quanto to mal que faz demanda um longo período de tempo, durante o qual o indivíduo apenas observa as consequências dos seus atos sem necessitar de algum empenho.

O quarto processo que podemos identificar para o conhecimento das Leis é a reencarnação. Nas palavras de Kardec temos que “a justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois que, em cada nova existência, sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal. Se numa só existência tudo lhe devesse ficar ultimado, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o se instruírem?” [3].

As diversas encarnações é o processo que demanda menos esforço pessoal para o aprimoramento, por ser automático e involuntário, não dependendo de intenção, decisão ou ação por parte do espírito. Todavia, não é vetado a participação intencional do espírito, porém, nestes casos, o processo principal em ação não é a reencarnação, mas um dos três outros descritos anteriormente.

Importa ressaltar que os processos para o conhecimento das Leis não se restringem necessariamente aos quatro descritos. Certamente haverá uma infinidade de outros, também importantes, porém, mais sutis, por assim dizer, e que escapam à nossa identificação. Este ensaio visa apresentar informação pertinente para que possamos ser mais atuantes na nossa caminhada evolutiva.

Notas bibliográficas:



1. Claudio C. Conti; Leis de Deus – Eternas e Imutáveis, Jornal Correio Espírita, dezembro de 2021.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 619.
3. Ibidem; Comentário na questão 619.

Fevereiro 2022

## **Relação Entre Espíritos e Leis de Deus**

Podemos considerar que inúmeros sejam os processos estabelecidos através da Providência para que o espírito encarnado em um mundo de expiações e provas como o planeta Terra desenvolva a compreensão das Leis de Deus. Contudo, devido à limitação de entendimento, somos capazes de identificar apenas alguns destes processos, mesmo com o estudo espírita. Os demais processos, apesar de estarmos submetidos a eles, nos passam completamente despercebidos, o que faz com que muitos acreditem estar “afastados” das Suas Leis [1].

Dentre aqueles que identificamos estão [1]: 1) A prática de boas ações e dedicação à justiça nas mais variadas formas; 2) O estudo e investigação das Leis; 3) A repercussão no próprio ser tanto do bem quanto do mal que faz e; 4) A reencarnação.

Porém, apesar de termos a sensação de que desconhecemos as Leis totalmente, isto não é mais do que uma ilusão, pois as conhecemos muito bem e em sua totalidade. Isto fica bem claro na informação disponibilizada em O Livro dos Espíritos [2].

Kardec, com sua mente inquiridora, busca compreender a relação entre o espírito e as Leis de Deus, que são postas em prática através da ação da Providência. Neste intento, pergunta em qual local se encontram estas Leis, onde estão “escritas”, como um código civil que regula a vida em sociedade. A resposta, todavia, é mais profunda do que, creio eu, ele

esperava: estão “escritas” na consciência, respondem os espíritos [3].

Se nenhum cidadão pode alegar desconhecimento das leis que regem seu próprio país ou qualquer outro em que se encontre, sendo que, neste caso, as leis realmente se encontram escritas em papel ou arquivo de computador, que dirá as Leis de Deus que existem no próprio ser, não necessitando, ou não deveria, buscar alhures. Contudo, a grande dificuldade é encontrar Deus dentro de si mesmo e, conseqüentemente, suas Leis.

A principal questão é a forma como estas Leis se encontram em nossa consciência. Certamente não podemos considerar como se estivessem realmente escritas, tal qual as leis humanas no Código Civil. Apesar da resposta ainda não estar disponível para o entendimento comum, podemos, através do raciocínio, chegar à algumas ilações.

Assim, podemos conceber, baseado-nos na própria natureza do Criador, que as Leis são inerentes à nossa própria essência. Em outras palavras, tal como uma substância salutar proporciona bem-estar orgânico e outra que seja morbígena causará mal-estar ou enfermidade, a postura mental e comportamental salutar repercute positivamente no ser espiritual, enquanto que o oposto repercutirá negativamente, situação esta que demanda condições para restauração da saúde espiritual, tal qual medicamentos e/ou intervenções médicas para a restauração da saúde orgânica.

A restauração da saúde espiritual, por assim dizer, pois não significa se tratar de uma doença no sentido comum, haja vista que o espírito enquanto estrutura, não adoece, se dá por meios específicos, dependendo da situação, e relativamente complexa por se tratar de processos longos e elaborados, tal como aqueles citados anteriormente [1].

Desta forma, podemos compreender que a ideia comumente apresentada de que o espírito adoece é equivocada e pode gerar mal entendidos e, pior, os meios buscados para melhoria da condição em que se encontra são aqueles comumente utilizados na recuperação da saúde física, se atendo apenas em água fluidificada (medicamento) e tratamento espiritual (intervenção externa) disponibilizados pelas casas espíritas. As dificuldades que nos deparamos durante a existência, seja durante a encarnação ou não, de qualquer natureza, são decorrentes da rebeldia às Leis. Como as Leis fazem parte da própria natureza espiritual, não podem ser simplesmente descartadas. Contudo, o livre-arbítrio permite que sejam negligenciadas e desprezadas e, com isso, relegadas ao esquecimento [4].

Esquecidas ou não, as Leis se fazem sempre presentes e, como não são conteúdos do consciente, não nos apercebemos do que realmente ocorre e a mente obliterada pelo orgulho e egoísmo, considerando o ser como o centro de seu universo imaginário, não se permite considerar a existência de uma força superior que o impulsiona para o progresso. Neste contexto, os processos para conhecimento das Leis, ou melhor, para que sejam lembradas, retornando ao consciente, se fazem presentes inconscientemente. O espírito nesta condição relega as consequências que não deseja como má sorte ou mero acaso, sem sequer considerar que é a sua condição psíquica que promove o movimento fluídico das ocorrências da vida, seja durante a encarnação ou no pós-morte.

Assim, espírito e Leis Divinas são indissociáveis, agindo e reagindo um sobre o outro, em uma relação interminável. Ninguém se afasta destas Leis por serem intrínsecas à própria existência do espírito. O espírito não podendo se furtar a sua própria essência, qualquer pensamento

ou ação em oposição a ela, dependendo da duração e intensidade, acarretará consequências consideradas indesejáveis.

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Processos para Compreensão das Leis de Deus, Jornal Correio Espírita, janeiro de 2022.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos.
3. Ibidem, questão 621.
4. Ibidem, questão 621a.

Março 2022

## Os Modernos Profetas

A Codificação Kardequiana é um repositório inestimável de informação sobre numerosos temas relacionados com a existência, da matéria inerte aos seres humanos, compreendendo tempo, espaço e forças, dentre outros. Porém, não está limitado apenas à existência sensível, mas inclui os períodos pré-nascimento e pós-morte e níveis evolutivos até então inimagináveis sob um prisma pragmático, alcançável à todos, demandando empenho pessoal.

Toda essa informação nos é conhecida, porém relegamos ao inconsciente e mantemos “fechada sob sete chaves”, evitando o seu reconhecimento por demandar esforço de transformação pessoal e, mais que isso, o reconhecimento das nossas faltas e falhas que acobertamos sob o pretexto da ignorância. Tais são as características comuns de espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas como o planeta Terra.

Desta forma, Deus, sendo o Pai bondoso conforme apresentado por Jesus em sua estada entre nós, viabilizou meios para que houvesse estímulos e a necessária disponibilização de informação sobre a realidade espiritual para que, de alguma forma, tudo que mantemos esquecidos pudesse vir à tona, sensibilizando nossa essência espiritual para que aflorasse o respeito e adequação do comportamento às Leis Divinas. Os meios viabilizados para este fim são conhecidos como Providência [1].

Assim, a Providência possibilita o contato com aqueles que se responsabilizaram pela divulgação das Leis que surgem de tempos em tempos, sinalizando a necessidade da adequação

mental e comportamental. Com esta finalidade podemos ressaltar o principal profeta, por assim dizer, que foi Jesus e, em segundo lugar, o Espiritismo. Estes são os dois grandes marcos na história da humanidade relacionado com a evolução espiritual e, com isso, o engrandecimento da sociedade como um todo.

Contudo, para tudo e em tudo há sempre a responsabilidade pessoal e a necessidade de análise, em suma, não podemos nos furtar do trabalho que nos cabe realizar. Neste contexto, muitos se fazem passar por profetas, seja intencionalmente ou devido a alguma disfunção mental em que acreditam ser realmente “enviados de Deus”. Independentemente, a avaliação da informação é individual.

Jesus, sendo o principal divulgador das Leis, deixou importantes alertas, dentre eles, podemos destacar o seguinte ensinamento relacionado com o tema em questão: “Tende cuidado para que alguém não vos seduza; - porque muitos virão em meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e seduzirão a muitos. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; - e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. - Mas aquele que perseverar até o fim se salvará. Então, se alguém vos disser: O Cristo está aqui, ou está ali, não acrediteis absolutamente; - porquanto falsos Cristos e falsos profetas se levantarão que farão grandes prodígios e coisas de espantar, ao ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos.”[2].

Baseando-nos neste alerta, podemos considerar que muitos dos que se apresentaram e/ou se apresentam como divulgadores de doutrinas elevadas, inclusive aquelas relacionadas com o Cristianismo, desvirtuando os conceitos, não foram e não são legítimos representantes, por assim dizer, de Jesus. Via de regra, estes “falsos profetas” intencionais se

expressam de forma convincente e usam os anseios das pessoas para alcançarem seu intento, que não se restringe a ganhos materiais.

Outros, no entanto, utilizam de teorias e conceitos considerados modernos para a pregação de doutrinas sem elevação alguma, atraindo incautos. A atenção, nestes casos, deve ser redobrada, pois, há, nos espíritos ligados à Terra, uma tendência natural à imitação [3]. Nesta abordagem, usam teorias e conceitos novos, desenvolvidos para a finalidade que almejam, e os movimentos culturais são condições propícias.

Tivemos na primeira metade do século XX o Modernismo que se baseou “na ideia de que as formas ‘tradicionais’ das artes plásticas, literatura, design, organização social e da vida cotidiana tornaram-se ultrapassadas, e que se fazia fundamental deixá-las de lado e criar no lugar uma nova cultura”[4].

O Pós-modernismo, por sua vez, surgiu na segunda metade do século XX e apresenta uma “atitude de ceticismo, ironia ou rejeição em relação ao que descreve como as grandes narrativas e ideologias associadas ao modernismo” e “alvos comuns da crítica pós-moderna incluem ideias universalistas de realidade objetiva, moralidade, verdade, natureza humana, razão, ciência, linguagem e progresso social”[5].

No século XXI surge o Altermodernismo, seguindo a tendência de denominação significando maior aprimoramento que o anterior. Utilizando termos como “hipermoderno” e “supermoderno” infere que aqueles que não seguem a nova moda são ultrapassados, obsoletos, forçando uma mudança e aceitação do modernismo que surge.

Na Conferência da Associação de Arte da Austrália e Nova Zelândia (AAANZ) realizada em 2005 [6], o “pai” da ideia do Altermodernismo, Nicolas Bourraud, disse que “os



artistas buscam uma nova modernidade baseada na tradução: o que importa hoje é traduzir os valores culturais dos grupos culturais e conectá-los à rede mundial. Esse ‘processo de recarregamento’ do modernismo segundo as questões do século XXI poderia ser chamado de altermodernismo, movimento ligado à crioulização das culturas e à luta pela autonomia, mas também à possibilidade de produzir singularidades em um mundo cada vez mais padronizado” .

Segundo o pensamento presente no altermodernismo, um grupo de pessoas, denominadas de artistas/pensadores/intelectuais, reinterpretam os valores da humanidade, haja vista que possui uma conotação mundial, com a consequente unificação de valores.

O mundo é um processo constante de mudanças, nos mais variados segmentos. Contudo, apesar da ânsia pelo novo, pelo moderno, há um conflito com o atávico presente no psiquismo. É neste conflito que o ser humano oblitera parcialmente a capacidade de discernir, mesclando conceitos que poderiam ser assimilados como novo com aquilo que deveria se manter inalterado. Essa combinação sem o devido ajustamento gerará conflitos maiores no futuro.

Esta prática de combinar conceitos desregradadamente e os equívocos gerados fica claro na seguinte afirmação dos espíritos responsáveis pela Codificação Espírita: “...Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou. Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade”[7].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 622.
2. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXI, item 3.
3. Carl G. Jung; O Eu e o Inconsciente, pg 43-44.
4. Wikipedia; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Modernismo>
5. \_\_\_; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pós-modernismo>
6. AAANZ; (tradução livre) [https://web.archive.org/web/20080723130718/http://www.artgallery.nsw.gov.au/aaanz05/abstracts/nicolas\\_bourriaud](https://web.archive.org/web/20080723130718/http://www.artgallery.nsw.gov.au/aaanz05/abstracts/nicolas_bourriaud)
7. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 627.

Abril 2022

## **Jesus: Guia e Modelo**

Em artigo publicado neste Jornal [1], vimos que Jesus foi, e ainda é, o principal divulgador das Leis de Deus. Além dos importantes ensinamentos, podemos ressaltar a condição de igualdade, materialmente falando, com os encarnados neste planeta. Esta condição de igualdade corresponde a uma encarnação com um corpo físico estruturado segundo as leis da genética e sujeito às mesmas necessidades para a manutenção da saúde. Neste contexto, não se tratou apenas da apresentação de ensinamentos, mas também a exemplificação de como conduzir uma existência como encarnado em acordo com a filosofia de vida que apresentava.

Neste sentido, os espíritos responsáveis pela Codificação Espírita deixaram claro que Jesus é o guia e modelo para a humanidade [2]. Assim sendo, por mais estranho que possa parecer, a resposta dos espíritos indica que devemos considerar que tudo o que foi exemplificado por ele pode ser realizado pelos encarnados na Terra. Uma condição inalcançável não pode servir de modelo para ninguém.

Contudo, também não devemos pressupor que Jesus se apresentou para nós na totalidade da sua capacidade, utilizando toda sua potencialidade como espírito, pois, seria totalmente inútil. Sendo um espírito de elevado nível evolutivo, como um professor inigualável, se ateu aos que seus “alunos” conseguiriam apreender e aplicar. Kardec deixa isso muito claro quando diz que “Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra” [3].

Como tal, é preciso considerar que Jesus deve servir como guia e modelo tanto na esfera de encarnados quanto na de

desencarnados. A experiência humana não se restringe apenas à vida de relação entre encarnados, pois, todos nós mantemos um contato íntimo com os desencarnados, independentemente se percebemos este relacionamento ou não. Em geral, esta percepção é mais acentuada entre aqueles considerados como “médiuns ostensivos”.

Assim, temos Jesus como modelo enquanto possibilidade comportamental e enquanto relação com os desencarnados. Kardec, no livro *A Gênese* [4] discute estas possibilidades ao analisar as potencialidades do Mestre.

Kardec inicia o Capítulo XV [4] dizendo que “os fatos que o Evangelho relata e que foram até hoje considerados milagrosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, dos que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma”.

Analisando esta colocação de Kardec podemos chegar à algumas conclusões interessantes. Primeiramente que os “eventos” promovidos por Jesus não configuram milagres. Isto significa que tais eventos não estão fora do escopo possível para este mundo, isto é, fazem parte dos fenômenos naturais para o mundo correlacionado com o planeta Terra. Caso fizessem parte do escopo de um mundo mais evoluído, compatível com o estágio de um espírito de tal envergadura, para nós, seria sim uma espécie de milagre, pois infringiria as leis materiais do local onde ocorreram. Lembrando que a missão de Jesus era ser um modelo para esta humanidade.

Além disso, também fica claro que são eventos correlacionados com processos psíquicos, demonstrando a forma como são feitos. Tais processos psíquicos, por sua vez, são correlacionados com as potencialidades de espíritos, ressaltando que todos nós somos espíritos, portanto, nossas potencialidades.

Kardec complementa o conceito ao afirmar que “o princípio dos fenômenos psíquicos repousa ... nas propriedades do fluido perispiritual ... nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza”[4].

Esta afirmação demonstra a interconexão dos processos mentais com as propriedades do fluido perispiritual, assim sendo, os eventos promovidos pelo Mestre forçosamente estão correlacionados com o seu perispírito que, para encarnar na Terra, possuía as mesmas propriedades que os seus habitantes. Kardec demonstra tal conceito ao dizer que “como homem, (Jesus) tinha a organização dos seres carnis” e que “a sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito”[4].

Fica, portanto, demonstrado pela análise de Kardec que o modelo comportamental, que está diretamente relacionado com os processos mentais individuais, pode ser seguido por espíritos, encarnado ou não, ligados ao mundo correspondendo à Terra.

Contudo, estes processos mentais não correspondem apenas ao comportamental, mas, também, na relação pessoal com os espíritos desencarnados. Quanto mais adequado os processos mentais, mais elevados são os desencarnados com os quais é possível manter uma interação. Neste sentido, levando ao grau máximo que podemos conceber, isto é, a elevação de Jesus, maior referência que temos, não haveria espírito mais evoluído ligado à este mundo. Portanto, não haveria a possibilidade de se estabelecer uma relação mediúnica como a entendemos. Desta forma, a única interação possível seria com

o próprio Deus, daí Kardec dizer que “segundo definição dada por um espírito, ele era médium de Deus”[4].

Jesus demonstra claramente ser um modelo e a nossa capacidade na passagem do endemoninhado epilético ao dizer aos seus discípulos o seguinte: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco?” e complementou quando questionado o porquê não conseguiram eles o fazerem: “Por causa da fraqueza da vossa fé, pois em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível”[5].

Notas bibliográficas:

1. Claudio C. Conti; Os Modernos Profetas, Jornal Correio Espírita, março de 2022.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 625.
3. Ibidem, comentário de Kardec à questão 625.
4. Allan Kardec; A Gênese, cap. XV.
5. \_\_\_\_, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap.XIX, item 1.

Maio 2022

## Jesus e o Espiritismo

Observando a humanidade encarnada e desencarnada da Terra, ou seja, espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provas, é possível verificar uma aversão ao que seja novo, especialmente quando correlacionado com uma mudança de paradigma e, conseqüentemente, de uma alteração comportamental que conduza à uma sociedade mais respeitosa e organizada.

Esta tendência a rechaçar o novo é denominado de misoneísmo. Carl G. Jung, profundo estudioso do psiquismo humano, diz que “a consciência resiste, naturalmente, a tudo que é inconscientemente desconhecido” e que “o homem ‘civilizado’ reage a ideias novas (similarmente aos povos primitivos) erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação”[1].

Desta forma, devemos compreender que há um sentimento natural da necessidade, apesar de questionável, de se estabelecer ligações ou equivalências. Um bom exemplo deste comportamento está no fato de que historicamente se considera que a alma dos mortos vão para regiões bem definidas, dependendo de seu comportamento durante a vida, tais como céu e inferno, e nós, espíritas, aplicamos estes mesmos conceitos substituindo por colônias e umbrais. O temor relacionado com o inferno é equivalente ao temor relacionado com o umbral, enquanto o anseio pelo céu é semelhante ao anseio pelas colônias.

O interessante é que muitos sequer percebem a correlação e acreditam se tratar de conceitos e conseqüências completamente diferentes.

Certamente que uma grande parcela não interpreta desta forma, mas com um entendimento mais adequado, sem denotar recompensa ou punição e, muito menos, de regiões específicas, como uma fatalidade decorrente de um comportamento sem avaliação dos motivos e/ou intenções. Contudo, não podemos afirmar que seja assim quando aplicado às massas.

Diante do que foi dito, podemos conceber que, ao menos para a parte ocidental do planeta, o Espiritismo não poderia ser completamente novo, sem ligação com o conhecido, visando transparecer uma sensação de familiaridade. Neste intento, podemos facilmente verificar uma correlação entre o conceito da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), sem origem bem estabelecida, mas que se tornou ponto central das doutrinas cristãs, e a Trindade Universal (Deus, Espírito e Matéria), terminologia presente em O Livro dos Espíritos [2].

Importa ressaltar que, apesar de constar que “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal”, os espíritos responsáveis pela resposta complementam sobre a necessidade de incluir um quarto componente, o fluido cósmico [2].

Em outro ponto da Codificação vemos um movimento contrário, isto é, uma desconexão com as crenças cristãs reinantes, como no livro O Céu e o Inferno [3], onde Kardec demonstra não haver correlação entre temas tais como anjos, demônios, céu e inferno.

Não podemos, de forma alguma, supor que Kardec desconhecia esta nossa tendência de manter/criar correlações entre o novo e o antigo. Isto fica muito claro no procedimento que adotou na elaboração do livro O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Eu a ninguém dera ciência do assunto do livro em que estava trabalhando. Conservara-lhe de tal modo em



segredo o título, que o editor, Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão. Esse título foi, a princípio: Imitação do Evangelho. Mais tarde, por efeito de reiteradas observações do mesmo Sr. Didier e de algumas outras pessoas, mudei-o para o de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Assim, as reflexões contidas nas comunicações seguintes não podem ser tidas como fruto de ideias preconcebidas do médium”[4].

Em comunicação espiritual, Kardec recebe a seguinte informação concernente ao seu questionamento: “Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana”[4].

A informação apresentada não poderia ser mais clara, pois, apenas na Codificação Espírita encontraremos a doutrina ensinada por Jesus de forma correta, sem as interferências impostas pela humanidade em decorrência da sua necessidade de criar correlações entre o novo e o antigo, corrompendo o novo.

Após a desencarnação de Jesus, a doutrina que ensinou foi corrompida das mais variadas formas. Considerando que os Evangelhos Canônicos foram escritos ao longo de muito tempo após a sua desencarnação, podemos considerar que houve interpretações e inserções desde os momentos iniciais da sua doutrina entre a humanidade. Como exemplo, podemos citar um possível início para o conceito da Santíssima Trindade no Evangelho Segundo Mateus ao dizer “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”[5].

Encontramos alertas sobre esta questão do misoneísmo e suas implicações em vários pontos da Codificação Espírita, tais como: “Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade”[6]; “Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, veladas, as mais das vezes, pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí o nascerem, sem demora, numerosas seitas, pretendendo todas possuir, exclusivamente, a verdade e o não bastarem dezoito séculos para pô-las de acordo”[7]; “No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram”[8].

Por fim, não podemos nos furtar do alerta de Kardec, com o qual inicia a introdução do livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, como sendo o mais claro, não restando dúvidas de como o espírita deve proceder com relação aos ensinamentos de Jesus: “Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável”[9].

Precisamos nos acautelar para que, daqui à dezoito séculos, não seja necessário que mentores espirituais digam aos que aqui habitarem: “No Espiritismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram”.

Notas bibliográficas:

1. O Homem e seus Símbolos, Jung, pg 21.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 27.
3. \_\_\_; O Céu e o Inferno.
4. \_\_\_; Obras Póstumas, Imitação do Evangelho - Ségur, 9 de agosto de 1863.
5. A Bíblia de Jerusalém; Evangelho Segundo Mateus cap. 28 vv. 19.
6. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 627.
7. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXIII, item 15.
8. Ibidem; Cap. VI, item 5.
9. Ibidem; Introdução.

Julho 2022

## Bem e Mal

No artigo intitulado Ensaio sobre Moral [1], apresentamos o conceito de que moral, enquanto componente intangível da natureza do ser relacionado com valores, pode ser interpretado como um sistema de respostas mentais e/ou comportamentais para os estímulos recebidos. Quando estas respostas estão relacionadas com as leis humanas, podemos denominar de “moral segundo os homens”. Contudo, quando concernentes com a natureza mesma do ser, podemos denominar de “moral segundo Jesus”.

Todavia, em O Livro dos Espíritos, encontramos um questionamento de Kardec acerca da moral, na qual pede por uma definição. Na resposta tem-se que “A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal...”[2]. Nesta perspectiva, temos que moral está relacionada com o bem e o mal. Assim, quando a resposta para o estímulo recebido é adequada, denominamos de bem, por outro lado, quando a resposta não é adequada, denominamos de mal.

Kardec, então, com sensatez e sua mente inquisitiva, pergunta se há meios de se distinguir o bem do mal. A resposta, contudo, apesar de ser direta, é ao mesmo tempo simples e complexa: “Sim, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu inteligência para distinguir um do outro”[3].

A resposta é simples no sentido de que temos inteligência suficiente para distinguir o bem do mal, portanto, somos capazes e, se não o fazemos, é porque não o desejamos. Complexa quando percebemos que a crença em Deus não assegura o desejo de fazer o bem ou de distinguir entre bem e mal. Assim, não basta crer em Deus, é preciso desenvolver o

desejo de trilhar um caminho adequado através da identificação do que seja o bem.

Em geral, as vertentes religiosas pregam a bondade de um ser superior, independentemente das diversas denominações ou interpretações deste ser. Mesmo as vertentes que crêem na existência de múltiplos deuses, há um ou alguns voltados para o bem. Todavia, basta olharmos ao nosso redor e na história da humanidade que observamos a existência do mal.

Temos, portanto, que apesar de ser um facilitador, a crença em um ser superior não faculta o discernimento sobre a natureza das nossas ações. O mal existe e isto é inegável, mas qual seria a procedência deste mal?

Segundo informação apresentada no livro A Gênese, “os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo”[4].

A procedência do mal está no próprio ser humano, ou melhor, o mal existe no próprio ser humano, sendo “a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades”[4].

A Providência Divina, por sua vez, sempre atuante, independentemente de tempo e espaço, exerce uma ação plenificadora ou educativa como consequência das nossas ações boas ou más, respectivamente.

Sendo moral, conforme apresentado anteriormente, um sistema de respostas aos estímulos recebidos, podemos facilmente compreender e colocar em prática a seguinte orientação: “Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer:

Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição”[5].

Deus não criou o mal mas, como Deus criou o espírito, conseqüentemente terá Ele criado a fonte do mal?

Está é uma pergunta que suscita certa elaboração na resposta. Bem, mal e moral, tópicos abordados neste texto, são expressões para tratar de questões relacionadas com um sistema mental e comportamental de espíritos não alinhados com a finalidade da Criação, isto é, espíritos culpados, aqueles compatíveis com um mundo de expiações e provas. Este entendimento é apresentado pelo espírito Paulo ao dizer: “Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação...”[6].

Podemos concluir que, se há aqueles que se afastam do objetivo da Criação, há, por outro lado, aqueles que não se afastam. Desta forma, Deus não criou o mal e, tampouco, a fonte do mal, pois, como nem todos os espíritos passam pela fieira do mal, este não é da sua natureza.

O mal que vemos é decorrente de escolhas, portanto é optativo aos espíritos e não possui uma existência por si só, mas existe apenas em um sistema de relações inadequadas. Mesmo se opondo à sua própria natureza, o espírito na busca pela sua unidade, forçosamente, trilhará o caminho de retorno que o conduzirá à finalidade da Criação.

Na condição em que impera a natureza espiritual não há dualidades e indefinições, portanto, não há questões relativas à moral, bem ou mal, por serem estas condições extraordinárias na existência de uma parcela dos espíritos.

Referências:

1. Claudio C. Conti; Ensaio sobre Moral, Jornal Correio Espírita, Junho de 2022.
2. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 629.
3. Ibidem; questão 631.
4. Allan Kardec; A Gênese, Cap. III, item 6.
5. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V, item 4.
6. \_\_\_; O Livro dos Espíritos, questão 1009.

Agosto 2022

## **Necessidade do Mal**

“Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham escândalos; mas, ai do homem por quem o escândalo venha”[1].

Esta assertiva se encontra no Evangelho Segundo Mateus e foi selecionada para constar no Evangelho Segundo o Espiritismo, portanto, deve ser considerada como um ensinamento legítimo de Jesus, demandando avaliação para o entendimento devido e progressivo de questão importante. É preciso estarmos atentos de que o entendimento equivocado de determinados conceitos conduz à análises igualmente equivocadas.

Podemos pensar, por exemplo, que certos eventos fazem parte da denominada “programação reencarnatória”, tal como as conhecidas “balas perdidas” que teriam um alvo certo. Tal entendimento gera uma grande problemática: se alguém estivesse programado para ser alvejado por um projétil, significaria que outro alguém estaria programado para disparar a arma. Além disso, seria necessário que houvesse uma “conspiração do universo” para que os dois encarnados estivessem naquelas posições naquele exato momento, fazendo algo específico, o que caracterizaria uma fatalidade.

Similarmente tem-se o entendimento comum de expiações coletivas, na qual uma certa quantidade de encarnados como se fossem teleguiados, sem o livre-arbítrio, por, também, uma “conspiração do universo”, maior que no exemplo anterior por abarcar um grupo grande de pessoas, conduzindo-as para o local da iminente tragédia.



Por “conspiração do universo”, terminologia comum em abordagens espiritualistas, podemos compreender como uma grande movimentação de desencarnados selecionando encarnados para causar sofrimento e morte. Todavia, se os desencarnados fossem espíritos maus, não se preocupariam em selecionar os que fariam sofrer. Em contrapartida, se os desencarnados fossem espíritos bons não se ocupariam em causar sofrimento seja para quem quer que fosse.

Além do mais, encontramos orientação sobre como agir em casos com agravantes na resposta do espírito Lamennais ao questionamento de Kardec sobre expor a própria vida para salvar um malfeitor que poderá, inclusive, tornar a cometer novos crimes: “Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? E, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, quiçá, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser-lhe terrível. Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirá nos vossos braços. Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: “Podes salvá-lo, salva-o!”[2].

Sendo a orientação para auxiliarmos sempre e nunca causarmos dano, pelo menos intencionalmente, seja qual for a quem quer que seja, não podemos conceber toda uma organização de férias, viagens à trabalho ou quaisquer outros motivos no intuito de agrupar um certo número de encarnados específicos para que encontrem a morte do corpo mediante uma tragédia. Seria um verdadeiro escândalo e, como foi dito, os responsáveis, encarnados ou não, arcariam com graves consequências [1].

Apesar da necessidade do escândalo, não devemos considerar que alguém encarne para fazer o mal ou que espíritos se reúnam para organizar viagens de encarnados rumo à morte. Tal entendimento está relacionado com a ideia de demônios - seres voltados para o mal e que se ocupam apenas em causar dor e sofrimento.

Portanto, é preciso buscar um entendimento mais em acordo com os ensinamentos espíritas. Assim, uma colocação do espírito Santo Agostinho traz informação precisa para elucidar esta questão, diz ele que “A Terra oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses espíritos tem aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. E assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do espírito” [3].

A Terra é, portanto, um local onde espíritos rebeldes habitam e convivem. Espíritos rebeldes, como o nome diz, são espíritos com tendência a não respeitar regras de conduta que visam o bom convívio em sociedade, e, por isso, a partir do

momento que não são seguidas, naturalmente, há danos para todos. A partir do momento que há danos decorrente de comportamentos intencionais, o mal existe, isto é, surge o escândalo.

O escândalo somente é necessário porque os espíritos compatíveis com um mundo como a Terra não conseguem se abster de cometer atos que causam dano a si mesmo e a outros e, por isso, necessitam vivenciar o mal causado pelos outros para que mutuamente possam compreender a necessidade de mudança comportamental e mental.

Portanto, não há uma necessidade absoluta do escândalo, mas relativizada aos habitantes do mundo. Em suma, os próprios espíritos são responsáveis pelo mal que vivenciam e, a partir do momento que se transformarem, esta necessidade desaparecerá.

#### Referências:

1. Allan Kardec; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VIII, item 11.
2. Ibidem; Cap. XI, item 15.
3. Ibidem; Cap. III, item 15.

Setembro 2022

## A Prática do Mal

Um mundo de expiações e provas apresenta dificuldades das mais variadas formas para o espírito ao longo da experiência como encarnado. Apenas a manutenção adequada do próprio corpo físico já pode ser considerado uma atividade que ocupa a maior parte do tempo. Os cuidados para o estabelecimento da saúde física devem ser entendidos como a principal responsabilidade do encarnado, pois, o corpo é a ferramenta com a qual ele alavancará seu processo evolutivo. Todavia, muitos sucumbem.

Uma parcela expressiva da população na Terra não é capaz ou não possui força de vontade suficiente para cuidar de si mesma através de alimentação adequada, prática de exercícios físicos, horas de sono suficientes, dentre outras, haja vista toda a dimensão do problema em termos de saúde mundial como, por exemplo, obesidade, diabetes, pressão arterial.

Desta forma, como se poderia esperar um comportamento salutar e respeitoso em sociedade sem a pressão exercida pela aplicação das leis humanas? Além disso, ainda é preciso considerar o que não está necessariamente coberto pelas leis, mas que causam dano à família e a comunidade local. Como exemplos deste tipo de situação podemos citar drogas lícitas ou permanecer sob o sustento da família mesmo em condição de trabalhar.

Como lidar com situações como as apresentadas? Algumas atitudes que podem ser aplicadas são, muitas vezes, consideradas como prática do mal e, assim, aqueles que

assumem tal postura são cobrados por isso, como se fossem maus.

Outra situação semelhante são aqueles responsáveis por uma coletividade, seja de que tamanho for, desde o ambiente doméstico até um país. Nestes casos, mesmo assumindo que os responsáveis sejam as melhores pessoas possíveis, posturas e decisões precisam ser tomadas pelo bem da coletividade, mas que serão interpretadas diferentemente por um parcela desta mesma população. Esta parcela será aquela que pensa exclusivamente em seus interesses em detrimento de todos os demais.

Analisando o comportamento humano e todas as questões envolvidas pode-se perceber que, em um mundo como a Terra, evitar totalmente de fazer o mal seria viável apenas vivendo no isolamento. Contudo, em uma análise mais detalhada, verifica-se que, mesmo assim, o encarnado ainda estaria praticando o mal no sentido em agir contrariamente ao que lhe cabe.

Kardec, em sua brilhante elaboração dos questionamentos apresentados aos espíritos e que constam no O Livro dos Espíritos, encontra-se a seguinte pergunta com a respectiva resposta: É contrário à lei da Natureza o insulamento absoluto? “Sem dúvida, pois que por instinto os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente”[1].

Assim, viver isolado não é solução para esta grave questão. Portanto, é preciso viver em uma sociedade composta por espíritos com pouco entendimento de suas reais necessidades ou que, por opção, preferem satisfazer seus desejos em detrimento de si mesmo e do outro. Desta forma, é preciso que haja coordenadores, responsáveis pela família, governantes, dentre outros.

Para fins desta análise, será considerado que os gestores de todos os tipos tenham as melhores das intenções em seus corações, pois, os maus fazem o mal intencionalmente, com total desconsideração para com o próximo.

Obviamente que Kardec estava atento a todas as dificuldades de entendimento e de pontos que necessitavam de maiores esclarecimentos. Neste intuito, elaborou o seguinte questionamento que apresentou aos espíritos [2]: Parece, às vezes, que o mal é uma consequência da força das coisas. Tal, por exemplo, a necessidade em que o homem se vê, nalguns casos, de destruir, até mesmo o seu semelhante. Poder-se-á dizer que há, então, infração da lei de Deus?

Este questionamento chama a atenção pelo fato de, na introdução da pergunta, Kardec ressaltar a necessidade da destruição, “até mesmo o seu semelhante”, em decorrência da posição em que se encontra. Isto se refere a situações tais como é possível observar atualmente, pleno Século XXI, de países invadindo militarmente ou tentando invadir outros países. Situação de extrema gravidade em que surge a necessidade de defender seus concidadãos.

A resposta por si é igualmente interessante [2]: “Embora necessário, o mal não deixa de ser o mal. Essa necessidade desaparece, entretanto, à medida que a alma se depura, passando de uma a outra existência. Então, mais culpado é o homem, quando o pratica, porque melhor o compreende”. Tem-se, portanto, que o mal é sempre o mal, apesar da sua necessidade.

Repetindo o início deste texto, um mundo de expiações e provas apresenta dificuldades das mais variadas formas para o espírito ao longo da experiência como encarnado. A dificuldade pode chegar ao ponto de um espírito, em sua jornada evolutiva, se ver diante de uma situação em que seja

necessário agir contrariamente às suas convicções. Enquanto a humanidade não se alinhar em uma finalidade comum, almejando a harmonia, seremos constantemente confrontados com dilemas.

A isenção, seja de opinião ou de ação, não deve ser uma opção para os que visam o aprimoramento.

#### Referências:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 767.
2. Ibidem; questão 638.

Outubro 2022

## Entendendo a Lei Natural

Precisamos estar sempre atentos para o fato de que quando se fala a respeito das Leis de Deus não se aborda, de forma alguma, em termos absolutos, isto é, uma apresentação de como realmente são. Espíritos do nível evolutivo compatível com a Terra podem, no máximo, apresentá-Las de forma relativa ao que são capazes de entender.

Em O Livro dos Espíritos, Kardec apresenta, de forma didática, uma escala espírita para que possamos compreender, mesmo que de forma rudimentar, os níveis evolutivos dos espíritos e suas características principais [1]. Nesta apresentação consta, com relação aos de primeira ordem - os espíritos puros, que “eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal”[2]. Desta forma, os espíritos puros são aqueles que possuem o conhecimento “real” das Leis.

Nesta categoria de espíritos se encontra Jesus e, assim, conhece as Leis conforme realmente são. Todavia, sua missão quando esteve encarnado na Terra, dentre tantas possíveis que sequer conseguimos imaginar, consistia em apresentar as Leis de Deus à espíritos em expiações e provações.

Contudo, a lógica nos diz que as Leis devem ser tão abrangentes quanto a diversidade de níveis evolutivos dos espíritos, considerando a ampla gama de necessidades relativas a cada nível. Em suma, como precisa considerar todas as possibilidades concernentes ao livre-arbítrio dos espíritos, as Leis devem ser de incomensurável multiplicidade. Este deve ser o motivo pelo qual apenas os espíritos puros são capazes de compreendê-Las como realmente são.



Assim, a lógica também nos diz que uma parcela, comparativamente pequena, deste amplo conjunto de Leis está relacionada com espíritos compatíveis com um mundo de expiações e provações como os habitantes da Terra. Portanto, esta parcela é que coube a Jesus nos trazer de forma que pudéssemos compreender.

Supomos que este raciocínio conduziu Kardec à alguns questionamentos aos espíritos e que são encontrados na Codificação Kardequiana e não poderia ser mais direto na seguinte pergunta: “A Lei de Deus se acha contida toda no preceito do amor ao próximo, ensinado por Jesus?”[3].

A resposta, por sua vez, não poderia ser mais clara ao dizerem: “Certamente esse preceito encerra todos os deveres dos homens uns para com os outros. Cumpre, porém, se lhes mostre a aplicação que comporta, do contrário deixarão de cumpri-lo, como o fazem presentemente. Demais, a Lei Natural abrange todas as circunstâncias da vida e esse preceito compreende só uma parte da Lei. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam grande número de portas abertas à interpretação”[3].

Nesta resposta encontramos pontos muito importantes naquilo que desejamos apresentar neste texto.

Primeiramente, as regras de conduta, ou filosofia de vida, apresentadas por Jesus estão relacionadas com a vida em sociedade do nosso planeta; além disso, também fica claro que a forma como seus ensinamentos foram divulgados ao longo dos séculos não serviu para que fossem seguidos.

Em segundo lugar, fica evidente que Jesus apresentou apenas uma parcela das Leis, demonstrando uma compartimentação segundo as necessidades dos diferentes grupamentos de espíritos, sendo a humanidade terrena um destes grupamentos. Portanto, diante deste raciocínio, pode-se

compreender a seguinte colocação dos responsáveis pela Codificação Espírita com relação a qualquer sistema de classificação das Leis de Deus que seja apresentado: “Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do prisma pelo qual se considere o que quer que seja”[4].

Desta forma, devemos considerar, como visto no início deste texto, que a informação pertinente às Leis de Deus com que temos contato não são em termos absolutos, mas relativa à nossa capacidade de entendimento. Além disso, ainda é preciso incluir nesta avaliação que se trata de uma parcela apenas, e não a totalidade das Leis; parcela esta relacionada com as nossas necessidades evolutivas.

Podemos, então, entender por “Lei Natural” como sendo esta pequena parcela das Leis. Ademais disto, relativizada ao nosso entendimento, o que é fundamental para a nossa relação com o próprio Deus e com Seus desígnios.

É fundamental tentarmos ao máximo evitar que as “trevas”, período entre Jesus e o Espiritismo, se estabeleça, evitando que os mesmos equívocos sejam cometidos novamente com a assimilação de conceitos deturpados. Para tanto, importa lembrarmos do alerta que os espíritos nos deixaram: “Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo. Depois da luz viva, voltaram as trevas. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; reboará o trovão. Sede firmes! ... O Espiritismo é de ordem divina, pois que se assenta nas próprias Leis da Natureza, e estai certos

de que tudo o que é de ordem divina tem grande e útil objetivo ... O reino do Cristo, ah! passados que são dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não veio...”[5].

#### Referências:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, Parte 2, Cap. 1.
2. Ibidem, questão 113.
3. Ibidem; questão 647.
4. Ibidem; questão 648.
5. \_\_\_; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. I item 10.

Novembro 2022

## **Adorar a Deus**

A nossa relação com Deus ainda é uma questão complexa, pois, nosso conceito sobre a divindade é cheio de misticismos e credíes. O temor a Deus é um fator complicador nesta relação, tendo sido incutido na mente humana ao longo de longo período, com várias representações de um deus colérico e vingativo.

Além disso, não podemos negligenciar o fato de que o Antigo Testamento apresenta um deus tendencioso, preferindo um povo em detrimento de outros. Além, é claro, dos que se apresentam como os “escolhidos”.

Ainda se faz necessário considerar a ideia da existência de um ser voltado exclusivamente para o mal e que seria equivalente à Deus, haja vista a distinção entre inferno e céu, reino exclusivo de cada um, respectivamente. Duas forças em constante antagonismo. Desta forma, aqueles que não são os “preferidos” cairiam na tutela do outro. Esta visão fez surgir a crença da possibilidade do espírito se afastar de Deus e de Suas Leis, ainda muito apregoado.

O conjunto destas e outras crenças relacionadas ao céu e ao inferno dá ensejo para que se acredite na necessidade da adoração como idolatria, visando apaziguar a ira divina e se aproximar dos eleitos.

Quando passamos a considerar Deus como sendo justo e bom ao ponto de ser referenciado por Jesus como Pai, a razão nos diz que não corresponderia aos Seus desejos uma postura de idolatria de nossa parte. Assim, percebemos uma necessidade de melhor compreender o que devemos buscar

com a adoração à divindade que não seja cumprir Seus desejos ou apaziguar uma possível fúria.

Não podemos nos esquecer da capacidade única de Kardec para o entendimento daquilo que os espíritos responsáveis pela Codificação lhe apresentavam, capacidade esta que o fazia elaborar os questionamentos necessários para a estruturação de um corpo doutrinário de elevado teor. Com os questionamentos, Kardec ia preenchendo lacunas no entendimento de tão importante tema.

Assim, recorrendo ao O Livro dos Espíritos [1], encontramos orientação adequada para nossa postura e o que devemos buscar ao se estabelecer uma relação íntima e filial com o Pai. Neste intento, visando maiores esclarecimentos, Kardec pergunta no que consiste a adoração, ou seja, o que devemos almejar nesta interação, por assim dizer, com Deus. Diante de tal questionamento, o que podemos considerar como de grande complexidade, a resposta não poderia ser mais simples e esclarecedora, ou seja, a adoração consiste “na elevação do pensamento a Deus. Deste, pela adoração, aproxima o homem sua alma”[2].

Verificamos, portanto, que adorar à Deus não significa idolatrar, mas estabelecer uma postura mental adequada, com qualidade e significado para, neste processo, entrar em comunhão com o Pai e perceber a impossibilidade de nos encontrarmos fora da Sua tutela, pois, “todos compreendem que acima de tudo há um Ente Supremo”[3].

Ainda com base no misticismo e credices acerca desta nossa relação com o Criador, muitos crêem que os “eleitos” e os dirigentes de templos são os categorizados para estabelecer uma via de comunicação direta, como sendo estes os que aprenderam, por algum meio, como conduzir suas orações para que, desta forma, Deus as ouça. Acreditamos que, baseado

nesta forma de pensar, Kardec elaborou o seguinte questionamento [4]: Origina-se de um sentimento inato a adoração, ou é fruto de ensino?

A resposta é surpreendente, pois o tipo de adoração mencionado anteriormente - postura mental adequada, com qualidade e significado - é inato ao espírito [4]. Podemos, desta forma, verificar que toda a dificuldade encontrada neste nosso relacionamento com o Pai é fruto de um aprendizado à avessas, isto é, a humanidade foi condicionada a acreditar que apenas alguns o podem fazer, estabelecendo uma hierarquia no que tange à divindade quando deveriam demonstrar a igualdade existente entre todos.

Desta forma, ao longo dos séculos a humanidade se estratificou com cada grupo se considerando melhor e merecedor de privilégios dos mais diversos. Portanto, as diversas divisões percebidas pela humanidade se baseiam única e exclusivamente no sistema de crença e valores pessoais, não se trata de crença religiosa, etnia ou qualquer outra, mas aquilo que o indivíduo pensa de si mesmo e daqueles que consideram seus semelhantes.

Em decorrência de uma postura de superioridade, surge o desejo de dominação em vários sentidos. Esta postura é tão comum que até hoje, pleno século XXI, estamos a braços com guerras e ditadores de diversas vertentes, mantendo populações inteiras sob mãos de ferro.

Em nome desse sistema de crenças e valores, as pessoas ficam cegas para as próprias atitudes, sem se darem conta das incoerências que vivem. Observamos críticas à alguns costumes de culto a deus, “deus” em sentido mais amplo, utilizando o sacrifício de animais. Contudo, na ceia de Natal estas mesmas pessoas se reúnem em torno de uma mesa com vários tipos de animais mortos, muito além da denominada

“necessidade diária de proteína”, para honrar à Jesus. O segundo é aceitável enquanto o primeiro não, baseado apenas no sistema de crença e valores reinante.

Ainda em O Livro dos Espíritos consta que “a consciência da sua fraqueza leva o homem a curvar-se diante daquele que o pode proteger”[4]. Na elevação de pensamentos necessária à adoração, devemos nos lembrar de fazer nossa parte na proteção de todos os seres da Criação.

Quando conseguirmos adorar a Deus com a elevação do pensamento e nos mantermos em comunhão com Ele, toda a existência em sociedade se transformará e, talvez, possamos nos considerar como candidatos para um mundo de regeneração.

Em breve chegará o Natal. Qual será nossa postura? De festa ou de introspecção?

#### Referências:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos.
2. Ibidem; questão 649.
3. Ibidem; questão 651.
4. Ibidem; questão 650.